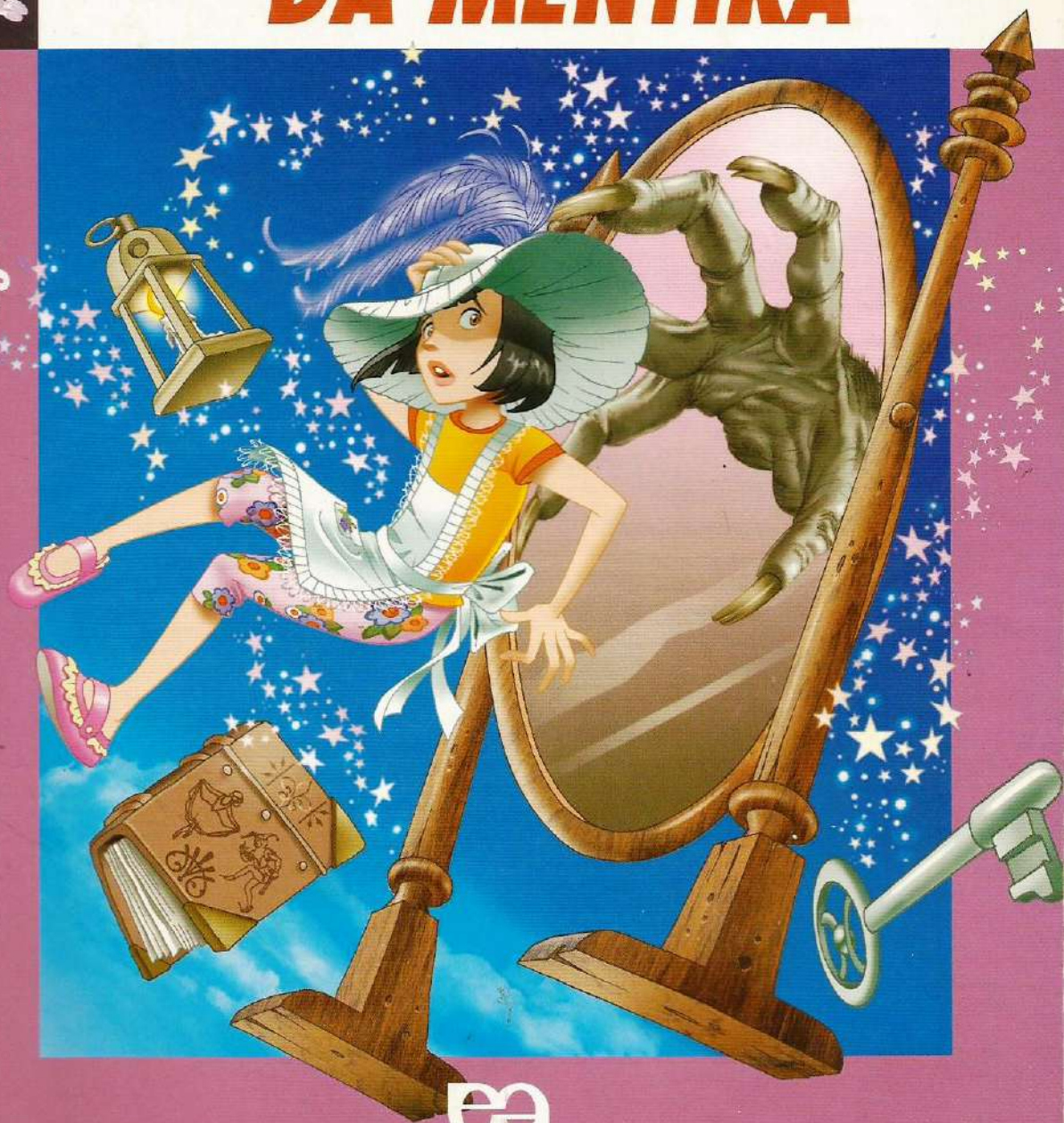


Pedro Bandeira

# ALICE NO PAÍS DA MENTIRA

Júnior

Vaga-Lume



ea  
editora ática



4ª série

# ALICE NO PAÍS DA MENTIRA

Pedro Bandeira



Ilustrações **Roko**

028.5

Conhecendo

## Pedro Bandeira

Arquivo pessoal



**N**asceu em Santos em 1942, mudou-se para São Paulo em 1961, fez Ciências Sociais, trabalhou em teatro, foi publicitário, jornalista, professor e, desde 1983, tornou-se somente um escritor de histórias. É claro que essas his-

tórias que Pedro Bandeira escreve não aconteceram: ele inventou tudo. E, se ele inventou, tudo não passa de mentira, não é? Desde pequeno, ele sempre teve muito jeito pra isso. Pra escrever histórias? Não. Pra contar mentira. Quando era criança e vinha com suas mentirinhas, acabava levando bronca: “Menino mentiroso! Já de castigo!”. O gozado é que, muito mais tarde, quando Pedro começou a contar suas mentiras por escrito, todo mundo passou a dizer: “Mas que criativo!”.

Pois é... Em mentira escrita todo mundo acredita.

E mentira é uma coisa muito feia, não é? Nem sempre. Há mentiras de todo jeito e há verdades também que... Bom, é melhor ler Alice no País da Mentira e descobrir. Depois, se você gostar, é só conhecer as outras mentiras do Pedro. Tem O fantástico mistério de Feiurinha, A droga da obediência, A marca de uma lágrima, Descanse em paz, meu amor... São tantas mentiras que, se ele ainda fosse criança, ia ficar de castigo toda hora.



CENTRO EDUCACIONAL ASSIS GURGACZ  
COC Sala de Estudo  
CASCAVEL PR/MS

# ALICE NO PAÍS DA MENTIRA



Alice... coitada! Está arrasada com a mentira que o Lucas inventou sobre ela. Como o seu melhor amigo pôde aprontar uma dessas?



Atrás de explicações, Alice vai parar num lugar... Sim, eu sei que você já sabe aonde, o título já dedou... O que você não sabe é como esse lugar pode ser louco, sinistro, perigoooooso...



Ah, já ia esquecendo... Dê uma olhada na página 82, lá estão umas "Verdades de verdade e mentiras de verdade" que é bom você saber.



# A calúnia calunienta

## Sumário

<b>1. A calúnia calunienta</b>	<b>9</b>
<b>2. Diga a mentira!</b>	<b>15</b>
<b>3. Verdade é uma mentira malcontada</b>	<b>19</b>
<b>4. Mentiras de todo jeito</b>	<b>23</b>
<b>5. A Boa Mentira</b>	<b>29</b>
<b>6. O Zoológico das Piores Mentiras</b>	<b>33</b>
<b>7. A Mentira Cabeluda</b>	<b>39</b>
<b>8. Uma Verdade de peso</b>	<b>44</b>
<b>9. Verdade de guarda-chuva</b>	<b>48</b>
<b>10. Tem gente que não gosta de ouvir a Verdade</b>	<b>53</b>
<b>11. O ataque da Dúvida</b>	<b>57</b>
<b>12. A cueca do seu avô subiu no telhado</b>	<b>62</b>
<b>13. O Calabouço das Piores Verdades</b>	<b>68</b>
<b>14. A melhor e a pior comida do mundo</b>	<b>72</b>
<b>15. O biscoito de chocolate</b>	<b>78</b>
<b>Verdades de verdade e mentiras de verdade</b>	<b>82</b>

# 1 A calúnia calunienta

Eu queria que você conhecesse a Alice.



A Alice, assim nos seus melhores dias, com a corda toda, perguntadeira, cheia de idéias, sempre disposta a inventar alguma nova maneira de ser feliz. Não a Alice deste dia, assim tão triste e tão infeliz.

Por que ela está assim tão triste e tão infeliz? Porque ela foi *caluniada*.

Pobre Alice... Até aquele dia, ela nem tinha idéia do que significasse a palavra "calúnia", mas acabou recebendo a calúnia em cheio, bem no rosto, como uma bofetada.

"Ai, que calúnia mais calunienta!"





Não foi na escola, foi no incrível quintal da casa da vovó, justo o lugar onde ela mais gostava de estar, de inventar, de dividir alegrias com o Lucas, seu melhor amigo, que morava bem ao lado da casa da vovó. Qual foi a calúnia? Nem vou contar. Basta você ficar sabendo que o Lucas acusou Alice de ter feito uma coisa bem feia, coisa que ela nunca fez nem nunca faria. Entendeu? Então basta você imaginar agora alguma calúnia bem horrorosa que alguém poderia fazer para você, porque a calúnia do Lucas foi exatamente igual à que você pensou.

Pobre Alice! A surpresa dela foi tamanha ao ouvir uma mentira tão grande (justo vinda da boca do Lucas!), que ela nem tentou se defender, nem saiu aos berros, chamando o Lucas de mentiroso. Não. O que ela fez foi entrar na casa da vovó, calada, vermelha como um tomate. Ela queria fugir de tudo.

Pra onde fugir? Lugar melhor não poderia haver do que o sótão da casa da vovó.

O que é “sótão”? Bom, eu nunca estive em nenhum, mas já ouvi falar. É um lugar que quase não existe mais, só em casa de velhinhas. É um espaço grande, entre o forro e o telhado, onde as velhinhas deixam suas lembranças ficarem cobertas de poeira.

Chegar no sótão era fácil: no andar de cima da casa da vovó, no fim do corredor, uma pequena escada dava num alçapão que se abria para o sótão, um lugar mal iluminado, cheio de móveis sem uso, pacotes, caixas, tudo bem empoeirado.

Alice sabia há muito tempo da existência do sótão, mas nunca tinha decidido xeretar ali. Dessa vez, porém, ela pensou que aquele seria um bom lugar pra se ficar só. Não subiu lá para chorar. Ela só queria ficar sozinha um pouco, para pensar na mentira do Lucas. Na *calúnia*. Não, ela não achava que o Lucas era o culpado pela mentira. Aos poucos, ela foi chegando à conclusão de que *a mentira do Lucas* é que era a culpada.

— Ah, se eu pudesse, eu esganava essa mentira!



Bom, esganar de verdade acho que ela não esganaria, pois tinha aprendido que esganar significa apertar um pescoço até o dono do pescoço perder a respiração. Isso ela não queria, pois a mentira do Lucas não respirava — ela ca-lu-ni-a-va, o que era muito pior.

No sótão, no meio dos trastes, lá estava um espelhão refletindo a Alice e boa parte dos trastes espalhados pelo sótão. Quase encostado no espelho, havia um grande baú todo cheio de taxões e enfeites de metal que teriam sido bem dourados um dia, mas que já estavam escurecidos. Devia ter-se passado mesmo um tempão para escurecer tanto dourado.

Alice sentou-se no chão, sobre as tábuas empoeiradas. Abraçou as pernas e ficou remoendo a mentira do Lucas, aquela coisa horrosa, feia mesmo.

“Ah, que mentira cabeluda!”

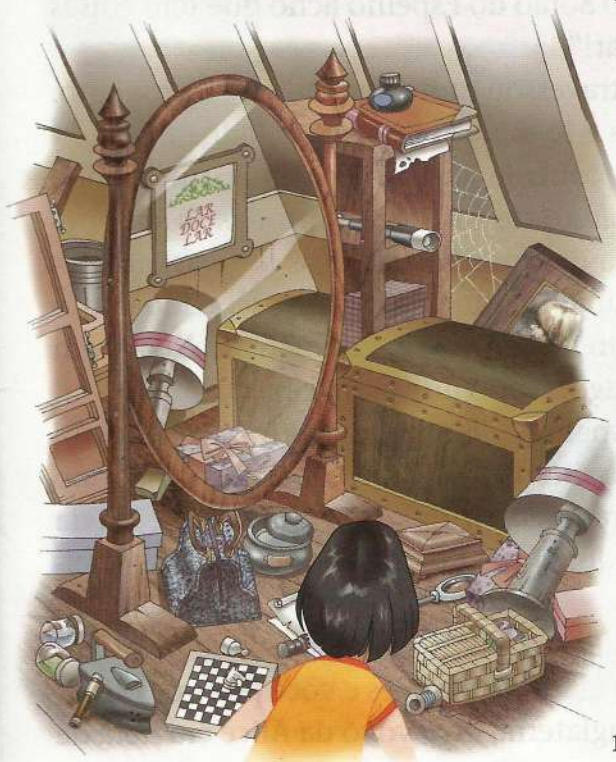
Do outro lado, dava para ver o Sótão do Espelho, igualzinho ao Sótão da Vovó. Só que

tudo ao contrário. Na parede do Sótão do Espelho, ela viu um quadrinho pendurado, onde estava escrito “Lar doce lar” e, no seu lado, no Sótão da Vovó, no quadrinho pendurado estava escrito

ƆƆƆ  
DOCE  
ƆƆƆ

“Não deveria ser ao contrário?”, estranhou a menina, mas logo esqueceu-se daquilo e tocou o fecho do baú.

“Ah, se eu pegasse a mentira do Lucas!”







O que haveria dentro do baú? Bom, se ela desse uma espiadinha, acho que não faria nenhum mal, até porque, pelo jeito, como a vovó era velhinha mesmo, há muito tempo não subia no sótão para fuxicar dentro do baú. Fuxicar era com a Alice.

O fecho abriu-se facilmente, logo que Alice mexeu nele. Levantou a tampa, com esforço. Lá dentro, só viu uma porção de roupas velhas. Foi aí que ela percebeu uma luz fraquinha, azulada, logo ao seu lado. Olhou para o espelho. Lá estava o baú do Sótão do Espelho, também de tampa aberta. Era dali que vinha a luz!

“Que coisa mais estranha...”, estranhou ela, lembrando-se de que também tinha estranhado a frase invertida do quadrinho. Estava até estranhando tanta estranheza.

Estendeu o dedo, devagar, para o espelho...

Mais uma coisa estranha! A face do espelho era mole como pão-de-ló, não dura como devem ser os espelhos.

“Ah, aí dentro do baú do Sótão do Espelho acho que tem coisas maravilhosas de se encontrar!”

Estendeu o braço, que atravessou molemente a face do espelho. Em seguida, enfiou a cabeça e logo viu-se do outro lado.

Na bagunça do sótão, encontrou jogados pelo chão um grande baralho de cartas e um tabuleiro de xadrez, com todas as suas peças. Depois, uma caixa cheia de fotografias. Fotos antigas, amareladas. Uma delas mostrava uma menina de cabelo escorrido como o dela, descalça, encostada em um muro todo manchado e com um vestidinho branco, bem antigo. A menina era a cara da Alice.

E o baú do Sótão do Espelho? Quanta coisa tinha lá dentro! Roupas de alguma menina assim da idade dela, mas de um tempo em que roupa de menina era cheia de babados e laçarotes. Havia até um chapéu todo enfeitado, cheio de plumas, que coube direitinho na cabeça da Alice.

Encontrou uma pilha de livros. Bonitos, coloridos, de histórias. Alice abriu o primeiro. Estava escrito em inglês e você pode escolher: ou esta história se passa na Inglaterra, ou a vovó da Alice era neta de

## 2 Diga a mentira!



Alice estendeu o braço, enfiou a cabeça e logo viu-se do outro lado do espelho.  
— Ah, que maravilha, quanta coisa tem aqui!



alguma inglesa que tinha se mudado para o Brasil há muito tempo.

Junto das roupas embabadadas, havia um aventalzinho com um bolso do lado. Alice experimentou o avental por cima de sua calça e blusa modernas. Com o avental e com o chapéu, mirou-se no grande espelho e achou-se uma coisa mais ou menos assim como duas pessoas, uma antiga e uma moderna.



“Como alguém pode viver no antigamente e no hoje em dia ao mesmo tempo? Bom, acho que é só querer, não é?”

Continuou remexendo no baú. Havia uma garrafinha com uma etiqueta amarrada no gargalo onde estava escrito “Beba-me”. Mas nada tinha dentro dela para se beber. Logo achou um frasco de vidro onde estava escrito “Coma-me”. Mas também estava vazio.

Descobriu outro vidro. Era uma pimenteira e também trazia uma etiqueta: “Pimenta da Cozinheira da Duquesa”.

“Quem será essa Duquesa?”, cismou a menina. “E por que a cozinheira dela veio guardar esta pimenteira justo no baú da Vovó?”

A pimenteira não estava vazia e, ao ser sacudida quando a menina tirou-a do baú, pelos buracinhos da tampa saiu uma nuvenzinha de pimenta em pó. E a nuvenzinha flutuou até atingir o nariz da Alice!

E, quando pimenta em pó entra por algum nariz adentro, o que acontece é um...

— ... AAAA...

... um grande...

— ... AAA...

... bem grande...

— ... AAA...

... maior ainda...

— ...

**AAATCHIM!**

## 2 *Diga a mentira!*



Você já viu alguém espirrar de olhos abertos? É claro que não. Pra espirrar, todo mundo fecha os olhos bem fechados, bem apertados, não é? Pois foi isso que Alice fez. Mas, quando abriu novamente os olhos... Estava num lugar muito diferente do Sótão do Espelho!

Diferente como? Diferente demais, pois Alice viu-se dentro de uma caverna! Uma caverna úmida, altíssima e larguíssima, iluminada apenas por algumas lanternas penduradas pelas paredes de pedra.

Ao seu redor, percebeu uma porção de pequenos movimentos, uma agitaçãozinha que logo desapareceu pelas escuridões em volta, atrás das pedras, em cada buraco ou desvão que houvesse. Dos cantos onde a agitação havia desaparecido, Alice ouvia uma porção de murmúrios. Um coro de cochichos.

Não sentiu medo nenhum. Ela não era de sentir medos assim, só por causa de uma coisa boba como de repente ter saído de um sótão empoeirado e ver-se no meio de uma caverna escura, cercada por uma multidão de cochichadores misteriosos.

E perguntou bem alto, para os murmúrios ouvirem:

— Quem é que está se escondendo por aí e cochichando ao mesmo tempo? É brincadeira de esconde-esconde? Pois pra brincar de esconde-esconde a gente tem de ficar bem quietinho no esconderijo, senão a brincadeira não tem graça.

O eco de sua voz reboou pelas paredes de pedra. Os cochichos pararam por um segundo e logo voltaram, ainda mais excitados, como se discutissem alguma coisa entre eles. Eles? Quem eram esses “eles”?

— Quem são vocês? — perguntou Alice, falando bem alto.

Os cochichos pararam e uma voz veio do fundo da caverna:

— E quem *não é* você?



— Quem eu *não sou*? Eu não sou uma porção de gente. Sou uma só. Eu sou Alice.

— Alice? — continuou a voz. — Que tipo de Mentira não se chama Alice?

— Tipo de mentira?! Que história é essa? Eu não sou mentira nenhuma. Sou uma menina.

Dos cantos, de todos os cantos e esconderijos, várias figuras começaram a aparecer. Mas continuaram a distância, ressabiadas, estranhando a recém-chegada. Mesmo de longe, Alice notou que se tratava de uma porção de gentes, de gatinhas e de gentonas, mas umas gentes estranhas, cada uma diferente da outra. De comum, só tinham duas coisas: todas exibiam narizes enormes e pernas muito curtas, tão curtas que os pés vinham quase logo depois da barriga, como os pingüins.

À frente das gentes, destacou-se um personagem narigudo, de bigodes espetados, roupa antiga cheia de galões e com um chapéu de três bicos. Suas pernas eram curtinhas e segurava uma velha lanterna.

— Entendi. Agora diga a mentira.

Alice achou que seria mais educado chamar aquele engalanado tão pomposo de “senhor” e corrigiu:

— O senhor quer dizer “diga a verdade”, não é?

— Ora, você não entende de lógica? — devolveu o engalanado. — Se você é uma mentira, está mentindo quando diz que se chama Alice e que é uma menina. Para saber quem você é, eu tenho de pedir que você fale a mentira, porque assim você será obrigada a fazer o contrário, que é falar a verdade, porque você é uma mentira mentirosa, e nós ficaremos sabendo que tipo de mentira



você é. Isso porque, se você for uma verdade, é nossa inimiga e temos de botar você pra fora daqui.

— Não estou entendendo nada — protestou Alice. — O senhor deve ser o chefe de todos, não é? Quem é o senhor?

— Eu *não* sou o chefe e *não* sou o Barão de Minch-ráuzen, e você *não* pode me chamar de Barão Mimi.

Alice fez um “puf” de chateação:

— Eu não perguntei quem o senhor *não* é. Já sei que o senhor não é qualquer pessoa que eu já vi antes. Quero saber quem o senhor *é*.

— Eu sou uma verdade.

Alice entendia cada vez menos:

— Uma verdade? Mas o senhor não disse que as verdades são suas inimigas?

— *Não* disse.

“Vim parar numa terra de malucos!”, pensou a menina. “Bom, se eles são loucos, eu tenho de fazer o que ele pediu: pensar com a lógica dos loucos. Pra mim, que não sou nem um pouquinho louca, é *lógico* que esse sujeito é um grande mentiroso. Hum... deixa ver... Ele me mandou ‘falar a mentira’ e disse que eu sou uma mentira que precisa ser mandada falar a mentira pra ser obrigada a falar a verdade verdadeira. Acho que é isso. Vou jogar o jogo dele.”

Voltou-se para o engalanado e ordenou:

— Diga a mentira, toda a mentira, somente a mentira, nada mais que a mentira. Quem é o senhor? Quem são vocês? Que lugar maluco é esse?

O engalanado tirou um lenço rendado da manga do casaco e enxugou a testa:

— Muito bem, eu sou o governador de todas as mentiras do País da Mentira. Sou o famoso Barão de Minch-ráuzen, mas você pode me chamar de Barão Mimi.

A boca de Alice não se escancarou como a minha se escancaria se, de repente, eu estivesse em uma caverna escura e úmida, em pleno País da Mentira e na frente do mentiroso-chefe, porque Alice não era de se escancarar à toa:



— Pode me chamar de Barão Mimi, sou o governador de todas as mentiras...  
E, se você é uma mentira, está mentindo quando diz que se chama Alice e que é uma menina.  
Você é uma mentira mentirosa!



— E por que vocês estavam querendo brincar de esconde-esconde comigo?

— Nós, as Mentiras, vivemos brincando de esconde-esconde, porque mentira vive escondida. É por isso que moramos nessa caverna, porque mentira tem de se esconder em esconderijos, senão todo mundo descobre. Esconde-esconde é conosco mesmo. A gente só não pode brincar direito é de pegador.

— Por quê?

— Porque mentira tem perna curta e todo mundo pega a gente fácil, fácil.

---

### 3 **Verdade é uma mentira malcontada**



Alice estava começando a achar que a maluquice do Barão até que tinha a sua lógica. A menina começava a entender que a coisa era bem simples: bastava fazer aquele pessoal falar mentira falando a verdade. Ou falar a verdade falando mentira, ou... sei lá. A Alice estava entendendo direito. *Eu* é que não entendi nada!

— Quer dizer, então, Barão Mimi, que todas essas gentes estranhas daqui são mentirosas?

A expressão do Barão mudou e o mentiroso veio com esta:

— Não. Essas pessoas são incapazes de dizer uma mentira. Aqui tudo o que se diz é verdade verdadeira.

— Como?!

— Você jamais ouvirá uma mentira por aqui. Eu, por exemplo, quando estava caçando nas estepes da Rússia, encontrei de repente





um lobo que abria a boca, faminto, prestes a pular em cima de mim. Mas minha espingarda estava descarregada. Foi então que eu...

“Ai, ai, ai!”, pensou a menina. “Pelo jeito, a ordem que eu dei para que ele parasse de mentir como um doido já perdeu o efeito...”

E reforçou:

— Barão Mimi: diga a mentira, toda a mentira, somente a mentira, nada mais que a mentira.

Na mesma hora, a expressão do Barão voltou ao normal (ou ao anormal, sei lá!) e ele mudou o discurso:

— Isso. Todos nós somos mentiras. E olhe que a toda hora aparece por aqui alguma mentira nova, como você. O que esse povo inventa de mentira você não faz idéia! Por isso, temos por aqui todo tipo de mentira. Mentiras diferentes, mentiras de todo jeito.

— Ora, Barão! Mentira é sempre igual. É uma coisa feia, muito ruim, muito má!

— Espere um pouco, menina, espere um pouco. Você ainda não viu nada, se pensa que mentira é só coisa feia. Eu sei que, lá no mundo das gentes que pregam mentiras e nos inventam, todos são hipócritas e vivem falando mal de nós, as Mentiras. Mas dizer a verdade nem sempre é possível. A vida, só com a Verdade, torna-se insuportável!

— Não! — impacientou-se a menina. — Só a Verdade é lógica! Só a Verdade é justa! Vocês não sabem o que é a Verdade!

— Sabemos sim!

A discussão entre os dois começava a esquentar e várias Mentiras em volta começaram a cercar Alice, palpitando.

— Sabemos sim! Sabemos sim! Sabemos sim!

Uma delas, com cara de menino travesso, puxou Alice pela manga e disse, rindo:

— Verdade é uma Mentira malcontada!

Outra, com cara de cigana, virou Alice para o seu lado e afirmou, cara a cara:

— Verdade é a Mentira que está acontecendo!



Uma mentira engraçada, igualzinha a uma boneca de pano, puxou o avental de Alice fazendo a menina baixar a cabeça para ouvi-la:

— Verdade é uma Mentira bem pregada, dessas que ninguém desconfia!

Pelo jeito, eram todas as Mentiras contra Alice, mas ela não se entregava, porque não conseguia se esquecer da mentira do Lucas:

— Vocês estão querendo é me confundir! Mentira é uma coisa que faz mal às pessoas!

O Barão afastou delicadamente as Mentiras que cercavam Alice e continuou, com a calma de um professor:

— Ora, Mentira Alice, nós não queremos fazer mal às pessoas. Podemos até ajudar!

Alice não aceitou:

— Ajudar?! Mentiras prejudicam, não ajudam!

O Barão sacudiu a cabeça, insistindo:



— Raciocine comigo: já pensou se os jogadores de cartas não usassem o Blefe?

— Blefe? O que é isso?

— É aquele ali, veja!

Alice viu um sujeito de bigode fininho e colete colorido, com as pontas de uma porção de cartas de baralho aparecendo em todos os bolsos.

— O Blefe — continuou o Barão — é uma mentirazinha desafiadora que serve para fazer os adversários pensarem que o blefador tem nas mãos um jogo melhor do que o deles, caem no engano e acabam perdendo a partida.

Alice tocou o queixo com um dedo, pensou um pouco e respondeu:

— Bom, quando eu jogo mico-preto com o Lucas e os outros amigos, eu sempre finjo que o mico não está comigo para o Lucas pensar que o danado está na mão de algum outro jogador. Isso é um blefe?

— É exatamente isso.

— Nesse caso, acho que os jogos de carta iam perder toda a graça sem o senhor Blefe...

— É claro! E já pensou se as crianças reinadoras sempre confessassem suas peraltices?

— Hum... Aí, todas as crianças iam ter de ficar de castigo o tempo todo...

— Que coisa mais triste, não é? — continuou o Barão. — E já pensou se os médicos dissessem sempre a verdade para seus pacientes que estão prestes a bater as botas? Verdades do tipo “Mas com que cara mais pálida o senhor está! Garanto que não passa de hoje à noite!”.

— Coitados! — lamentou a menina. — Aí os moribundos iam calçar as botas do desespero antes de bater as outras...

— Está vendo? Você tem de concordar comigo que as mentiras podem ser uma escolha muito boa. E já pensou se...

Alice achou que o Barão estava tentando enganá-la, na certa porque o efeito da ordem de dizer a mentira já estivesse enfraquecendo, e reforçou:



— Não me enrole, Barão Mimi! Diga a mentira, toda a mentira, somente a mentira, nada mais que a mentira!

— Eu não estou falando verdade nem mentira, Mentira Alice. Eu estou ar-gu-men-tan-do!

— Pois eu não aceito esses argumentos. Mentira é o contrário da verdade e pronto!

— Que nada! As mentiras são diferentes como as pessoas são diferentes. Aqui, no esconderijo do País da Mentira, tem a mentira que você quiser.

Alice não tinha se esquecido da mentira do Lucas e reclamou:

— Eu não quero mentira nenhuma, Barão Mimi. Só estou interessada num tipo de mentira. É uma mentira horrível, uma mentira que...

— Não, não, não! Não escolha ainda, sem ter conhecido todas nós. Você vai ficar até tonta com a nossa variedade!

---

## 4 *Mentiras de todo jeito*



O Barão levantou um pouco mais a lanterna, iluminando melhor a menina, e falou, bem alto:

— Queridas Mentiras, quero apresentar uma nova Mentira que foi inventada ainda agorinha. O nome dela é Alice. A Mentira Alice, que é bem bonitinha, não deve prejudicar ninguém.

As gentes, as gatinhas e as gentonas já estavam por ali mesmo e não faziam outra coisa senão examinar a recém-chegada. E a recém-chegada pôs-se a observar atentamente aquele povo tão estranho: havia uns feiosos, barbudos, e outros até pareciam pessoas



cômuns. Havia alguns bonitinhos, como um bebê de pernas curtinhas que era a cara do Lucas, se o Lucas ainda fosse um bebezinho.

— Mas, Barão Mimi, mentira é coisa feia. Aqui tem umas que não são lá essas belezas, mas mentira tem de ser muito pior que isso. Por que vocês não são tão feios como as mentiras devem ser? — perguntou a menina.

— Ora, Alice! Quando eu estava lutando na Guerra da Criméia e os russos avançavam com seus canhões, eu...

“Ai, ai, ai!”

— Diga a mentira, toda a mentira, somente a mentira, nada mais que a mentira.

Imediatamente, o Barão mudou o assunto:

— Como eu ia dizendo, não são todas as mentiras que são feias. Ah, não! Depende da mentira — e o Barão apontou um deles, com cara de gaiato. — Examine, por exemplo, nosso amigo ali.

— Aquele que não pára de rir? Quem é ele?

— É o Primeiro de Abril. Vive fazendo brincadeiras, mas tudo coisa pequena, sem má intenção nenhuma. É parente da Potoca, aquela ali, pequenininha, que só pretende divertir.

— E aquele ali, com cara de bobo?

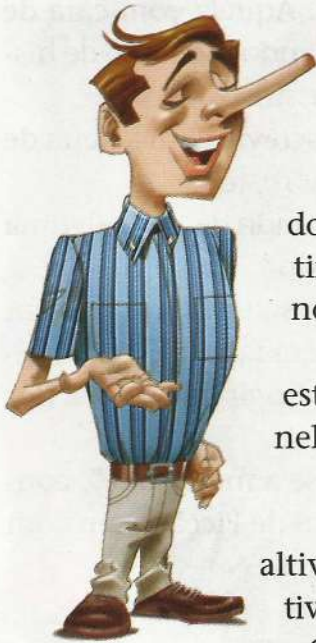
— Aquele é o Engano. É parente da Bobagem. Gente boa, que não faz mal a ninguém. É como o Mal-Entendido que, no fundo, não passa de um distraído.

A atenção de Alice foi atraída por uma outra, uma mulherzinha que batia com a palma da mão na testa a toda hora.

— Estranhou essa? — riu-se o Barão. — Essa é a Gafe. É casada com o Fora. Nem são bem mentiras. A Gafe, por exemplo, é sobrinha do Engano. Todos uns bobalhões!

Havia duas Mentiras ridículas, com línguas compridas, que não paravam de cochichar uma no ouvido da outra. O Barão apresentou-as, com um sorriso:

— Essas são quase gêmeas. Uma é a Fofoca e a outra é o Fuxico. São quase iguais, mas têm de tomar cuidado...



— Por que cuidado?

— Porque, se exagerarem nas fofocas e nos fuxicos, elas podem virar... Bom, mais tarde você vai ficar sabendo.

Antes que Alice insistisse para ficar sabendo em que as duas se transformariam, uma mentira com cara de boba tropeçou e estatelou-se no chão.

— Ah, ah! — riu-se o Barão. — Essa é uma estabanada! É a Patacoada! Ninguém acredita nela. É igual à Lorota, uma brincadeirinha à toa!

— E aquela ali?

A menina apontava para uma gordona, toda altiva, supermaquiada e empetecada como se estivesse pronta para o Baile da Cafonice.

— Aquela? Oh, ninguém simpatiza com ela. É a Madame Vanglória. Pensa que é melhor do que as outras! Ela até tem um filho. É aquele juvenzinho ali, todo empolado. O nome dele é Bravata. Vive se bacaneando!

No fundo do grupo havia uma figura com jeito de professora, vestindo uma túnica branca. Conversava com outra mulher, que tinha um olhar sonhador e a toda hora mergulhava uma pena de ganso num tinteiro e punha-se a escrever num caderno bem grande. O Barão notou que Alice examinava as duas e apresentou:





— Essas são duas jóias do País da Mentira. Aquela com cara de grega é a Fábula e a outra é a Ficção, que vive criando todo tipo de história, de conto, de poesia, de novela, coisas assim.

Alice aproximou-se da personagem que escrevia com a pena de ganso e notou que escorriam lágrimas em seu rosto.

— Diga a mentira — ordenou, já se prevenindo de mais alguma maluquice. — Por que a senhora está chorando?

— Não estou chorando — respondeu a escrevinhadora, sem parar de escrever. — Estou escrevendo um poema muito triste e tenho de fingir tão completamente, que chego a fingir que é dor a dor que deveras sinto...

“Ai! Nem adiantou mandar que ela falasse a mentira...”, concluiu a menina. “Até falando a verdade essa tal de Ficção vem com maluquices!”

O Barão comentou:

— Está vendo, Mentira Alice? Nem esta nem a Fábula dizem a verdade, assim, na batata, pois tudo o que elas contam não aconteceu.

Alice discordou:

— Ora, mas fábulas e histórias não são mentiras! São coisas inventadas para agradar aos outros. Eu adoro histórias e acho um desaforo chamar isso de mentira!

— Não é mesmo? — concordou o Barão. — Mas, como o que elas dizem é tudo inventado, as pobres têm de viver aqui, no País da Mentira.

— Pois eu acho isso uma coisa muito errada — palpitou a menina. — Em vez de morar no País da Mentira, essas senhoras deviam se mudar para o País da Imaginação, onde elas ficariam muito mais confortáveis do que nessa caverna maluca!

O Barão fez um gesto com a cabeça, concordando:

— Você disse “Imaginação”? Então isso é com aquela menina ali. Veja.

O que Alice viu foi uma garotinha que flutuava no ar, como um anjo, feliz da vida, sempre contente.

## 5 - A Boa Mentira



Alice vê uma garotinha flutuando no ar, como um anjo, feliz da vida.  
É a Imaginação das Crianças, o xodó de todas as mentiras.





— E que tal esta outra? É a Imaginação das Crianças. O nosso xodó.

A menininha Imaginação era uma doçura mesmo, e Alice aproveitou para apontar para o bebezinho que era a cara do Lucas:

— E este, Barão?

— Outra doçura, Alice. Esta é a Mentira Inocente. A gente se diverte demais com ela e todo mundo quer pegar a Mentira Inocente no colo.

Alice olhou bem para o bebezinho e franziu as sobrancelhas: “Será?...”

Mas seu pensamento foi interrompido pelo Barão Mimi, que apresentava uma senhora, toda enrugadinha, de touca e saia rodada, com os olhos mais bondosos que Alice já tinha visto.

— Veja esta, Mentira Alice. É o Conto de Fadas!

Alice olhava fascinada para a aparição sorridente do símbolo de tantas histórias emocionantes que a vovó sabia contar, enquanto o Barão continuava:

— Já sei que você vai dizer que Conto de Fadas não é mentira, Mentira Alice. Mas gente adulta vive sorrindo com superioridade e dizendo que lobos que falam com meninas de chapeuzinho vermelho e mocinhas que deixam o cabelo crescer mais que a altura de uma torre não passam de bobagens. E, se a Bobagem tem de viver aqui, no País da Mentira, o Conto de Fadas também, não é?

— Não é não, Barão Mimi — protestou Alice. — Bobagem é dizer que Chapeuzinho Vermelho e Rapunzel são bobagens!

## 5 A Boa Mentira



A cara do Barão, como já vinha acontecendo de vez em quando, mudou completamente e o engalanado personagem empolou-se, retomando suas velhas mentiras:

— Aproveitando a ocasião, agora eu queria lhe contar sobre o dia em que os russos estavam bombardeando nossas tropas na Guerra da Criméia e eu tinha de atravessar as linhas inimigas para pedir reforço ao nosso general. Daí, como eu vi uma bala saindo de um de nossos canhões, não tive dúvida: agarrei-me na bala e...

“Ai, ai, lá vamos nós de novo!”

— Diga a mentira, toda a mentira, somente a mentira, nada mais que a mentira.

— Como eu ia dizendo, nós somos mesmo muito diferentes. Eu, por exemplo, além de Barão de Minch-ráusen sou conhecido como a Bazófia, um tipo de mentira que se conta pra todo mundo pensar que a gente é mais do que realmente é.

Nessa hora, Alice percebeu uma senhora, com a cara mais bon-dosa do mundo, dizendo para a exagerada Mentira Vanglória:

— Como a senhora está elegante! Como está bonita!

O Barão notou que Alice sorria, vendo a senhora mentir para a outra, que suspirava com o elogio, feliz da vida, e explicou:

— Esta senhora é muito querida por aqui, Mentira Alice. É a Mentira Caridosa.

— Caridosa? Não entendi...

— É fácil: vamos dizer que a sua vizinha acabou de ganhar nenê. Mas um nenê — sabe? — do tipo feíinho, todo amassadinho, de orelha de abano, mais parecendo um joelho enrugado. E lá vem sua vizinha, toda lampeira, mostrar o filhinho para você. O que você vai dizer? Acha que é justo dizer a verdade: “Mas que *porcaria* de bebê a senhora tem”?



Alice torceu o nariz:

— Ora, é claro que não! Num caso como esse, eu ia fazer um agradinho no queixo do bebê e dizer: “Mas que gracinha! Bilu-bilu-bilu!”.

O Barão riu-se às gargalhadas:

— Ah, ah! Está vendo? Nessa hora você usa os serviços de nossa amiga ali, a Mentira Caridosa!

Alice teve de confessar que o Barão estava certo:

— É... acho que várias vezes eu usei essa Mentira Caridosa. Semana passada, minha tia apareceu em casa de roupa nova, uma blusa roxa com bolas cor-de-abóbora e uma calça verde-alface, toda justa. A coitada veio se exibindo, crente que estava elegantíssima e... o senhor sabe o que eu tive de dizer?

— Acho que sei...

— Eu tinha vontade de dizer que ela estava horrorosa, mas engoli em seco e disse: “Mas como a senhora está... hum... elegaaante, *tchi-tchi-a...*”.

— Está vendo? Você é uma Mentira Mentirosa das boas! Não deve ser uma mentira muito forte, das bem pregadas, porque seu narizinho é muito pequeno e suas pernas não são curtas o bastante. Só precisamos descobrir direitinho qual o tipo exato de mentira que você é, pra saber como usá-la na hora certa.

O grupo, de repente, abriu-se, dando passagem a uma visão deslumbrante: apesar de ter um nariz um pouco espetado, era a mais linda fada que Alice jamais tinha visto desenhada em seus livros de histórias. Usava um vestido leve como o ar, que brilhava como se um céu azul-claro pudesse mostrar-se estrelado feito noite de lua nova.

A menina ficou maravilhada! Nunca poderia imaginar que haveria de encontrar uma beleza daquelas justo no País da Mentira!

— Barão! Quem é essa?

Orgulhosamente, o Barão fez uma mesura em direção à fada e apresentou:

— Mentira Alice, conheça a nossa rainha: a Boa Mentira!



— Boa Mentira? Que nem a Mentira Caridosa?

— Ainda melhor. Ela é usada quando alguém falta com a verdade para ajudar outro alguém sem prejudicar ninguém. A Fada Boa Mentira mente para proteger pessoas e salvá-las de dificuldades.

— Ela é linda mesmo, Barão Mimi!

O Barão fez que sim com a cabeça e continuou:

— Dizem que, do *outro lado*, há uma jovem que parece uma cópia desta, mas isso só pode ser inveja desse povo sem graça lá do *outro lado*!

— Outro lado? Que outro lado é esse? Hum... já sei. Deve ser o País da Verdade, não?

— Sim, o nosso grande inimigo! É como a “cara” da “coroa” e a “coroa” da “cara”. As duas vivem grudadas, mas nunca se encon-

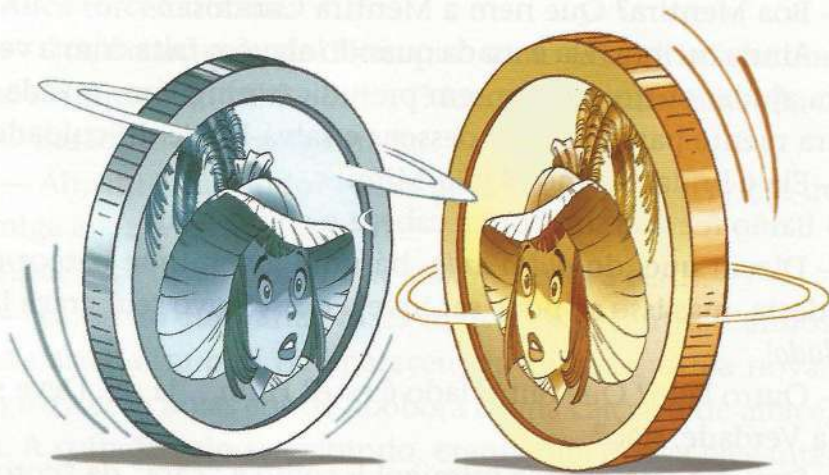
tram. E é mesmo muito melhor que nunca se encontrem! Mas, infelizmente, essas danadas do País da Verdade vivem querendo nos dominar. Mais que isso: vivem querendo acabar com a gente!

À frente de Alice, a Boa Mentira resplandecia, enchendo de luz a imensa caverna.

— Ah... — suspirou a menina. — Seria muito triste se alguém acabasse com uma fada assim, tão maravilhosa...

Alice lembrou-se daquela vez em que, sem querer, tinha quebrado um bibelô





na sala da casa do Lucas e o menino, para protegê-la, acusou-se para a mãe, dizendo que tinha sido ele mesmo o culpado.

“Puxa... Naquele dia, o Lucas usou a Fada Boa Mentira pra me ajudar...”

O Barão Mimi continuava orgulhoso, apresentando os seus governados:

— Está vendo, Mentira Alice? É por isso que nós, as Mentiras, vivemos em guerra com as Verdades. As Mentiras são muito mais interessantes. Nós damos um jeito nos problemas, nós disfarçamos as dificuldades e ajudamos o mundo a ser um lugar mais tranquilo, mais interessante de se viver. Nós...

— Ora, senhor Barão — cortou Alice. — Quer dizer então que neste país maluco só tem mentira boazinha? Essas mentirinhas que o senhor me apresentou nem podem ser chamadas de Mentiras. São Falsas Mentiras. E as Mentiras de Verdade? Hum... quer dizer... e as mentiras *mesmo*, as MENTIRAS com letras grandes? Aquelas que fazem mal a todo mundo? Aquelas que...

O Barão sorriu amarelo e confessou:

— Sei, Mentira Alice. Sei muito bem do que você está falando. Mas essas são especiais. Você tem certeza de que quer conhecê-las?



Então, venha comigo. Vamos conhecer o Zoológico das Piores Mentiras! Mas prepare-se, porque o negócio não é brincadeira não!

“Ah, aposto que agora eu pego a Mentira do Lucas!”, pensou Alice, na mesma hora.

## 6 **O Zoológico das Piores Mentiras**



O Barão ergueu a velha lanterna e guiou a menina para os fundos da caverna, seguido por um cortejo estranhíssimo, formado por uma multidão de mentiras de pernas curtas.

Quanto mais andavam, mais frio ficava o ar e o lugar parecia assustador para qualquer pessoa que não fosse a Alice. Não. Ela não iria ficar assustada como uma boba, justo na hora em que estava perto de encontrar a Mentira do Lucas. Além disso, ela queria ter o prazer de provar ao Barão que mentira é uma coisa feia e pronto.

Chegaram a um ponto em que a caverna se afunilava e dava numa porta maciça, de ferro.

O Barão tirou da cinta uma grande chave e enfiou-a na fechadura. *Nhééc...* — fez a porta, abrindo-se pesadamente.

Logo depois do “nhééc”, ouviu-se um urro assombroso, reboando do outro lado da porta.

— Ai! — exclamou o Barão. — Deve ser a Mentira Cabeluda, furiosa novamente!

Ao ouvir falar “Mentira Cabeluda”, a maior parte das mentiras de pernas curtas que acompanhavam a dupla recuou, apavorada.



— A Mentira Cabeluda! A Mentira Cabeluda!

E essa maior parte escafedeu-se dali. Só uma meia dúzia das mais corajosas continuou junto dos dois.

O Barão pegou no braço da menina e procurou acalmá-la:

— Não tenha medo, Mentira Alice. As grades das jaulas são bem fortes.

— Não estou com medo, Barão — tranquilizou-o Alice. — Estou é ansiosa para conhecer essa fera. Vamos!

E passou na frente do Barão, entrando corajosamente no Zoológico das Piores Mentiras do País da Mentira.

— Cuidado, Mentira Alice! — avisou o mentiroso-chefe. — Não chegue perto das grades!

A Menina viu-se num corredor largo e comprido, ladeado por jaulas, como seria em um zoológico comum, se os zoológicos comuns fossem instalados dentro de cavernas.



O urro assustador vinha do fundo do corredor, mas, quando os visitantes foram percebidos pelos ocupantes das outras jaulas, um coro de urros medonhos juntou-se ao urro inicial.

Foi um pandemônio! As poucas mentiras que tinham tido a coragem de entrar com o Barão e com Alice deram meia-volta e desapareceram na mesma hora.

— Que bagunça, Barão! — protestou Alice, sem medo nenhum. — Com esse barulho todo, nem vai dar para a gente conversar!

Por sorte, naquele país esquisito o comando mágico funcionava para enfrentar qualquer dificuldade, e o Barão gritou:

— Digam a mentira! Toda a mentira! Somente a mentira! Nada mais que a mentira!

Na mesma hora, os urros cessaram e Alice sentiu-se aliviada com o silêncio:

— Ufa! Agora melhorou. Mas eu não entendi uma coisa, senhor Barão. O que é que tem a ver mentira com urros?

O Barão sorriu:

— Fácil, Mentira Alice! As mentiras perigosas urram urros de mentira, é claro. E ordenar que elas só falem a mentira obriga que as danadas fiquem quietas, porque, se o urro é de mentira, o silêncio é de verdade, compreendeu?

— Não.

— Ótimo! Se você disse “não”, e é uma mentira mentirosa, quer dizer que você diria “sim” se fosse verdade e isso mostra que você entendeu tudo direitinho.

— Mas eu não entendi nada!

— Está bem, Mentira Alice, está bem. Já entendi que você entendeu. Não precisa mentir mais.

“Esse Barão ainda vai acabar passando a loucura dele pra mim!”, pensou a menina. “Ele está convencido de que eu sou uma mentira como todas as outras. Bom, o jeito vai ser aceitar a maluquice dele...”





— Venha, Mentira Alice. Venha conhecer as Mentiras de que todo mundo tem medo! Aposto que você vai reconhecer algumas, sem que eu tenha de apresentar. Veja, esta aqui, na primeira jaula.

Alice olhou para dentro da jaula e lá viu um homem de terno e gravata e charuto na mão que, ao perceber que tinha platéia, começou a discursar:

— Meus queridos eleitores! Vocês sabem que eu sempre dediquei minha vida à felicidade de vocês! Votem em mim, que eu prometo construir três pontes, uma em cima da outra, sobre o rio que atravessa vossa cidade. Se não houver nenhum rio atravessando a cidade, podem deixar que eu construo também o rio! Prometo... que prometo... que prometo...

O Barão chegou bem perto de Alice e perguntou:

— E então? Preciso contar quem é esta daqui?

— Não — respondeu a menina. — Esta é fácil. É Mentira de Político.

— Fácil mesmo. Ela tem uma irmã gêmea, a Demagogia, muito parecida com ela.

Ao lado havia uma jaula ocupada por uma figura magra, encovada, barbada, que dava desprezo só de olhar.

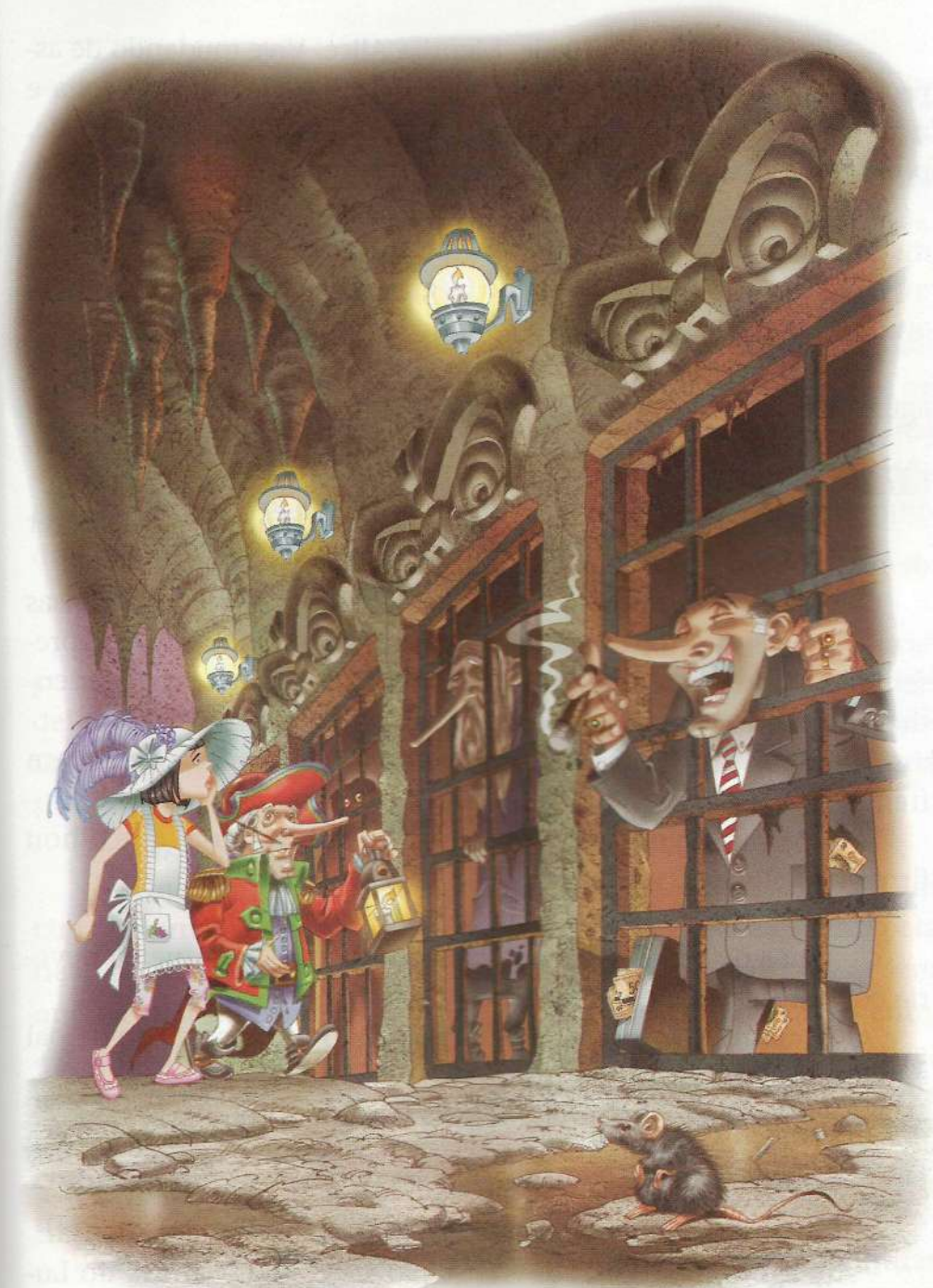
— Essa daí, Mentira Alice, é o risco que correm a Fofoca e o Fuxico. Se exagerarem, as duas podem ficar como ela. É a Difamação!

— Que horrível, Barão Mimi! Mas que cheiro tão ruim é esse? Puf! Vem daquela ali. Parece até que nunca tomou banho na vida. Por que vocês não a obrigam a tomar um banho?

— Não é possível, Mentira Alice — respondeu o Barão. — Essa é a Mentira Deslavada. Se a gente der um banho nela ela vira Mentira Lavada e perde a razão de continuar mentindo.

— E essa outra? — apontou Alice, procurando ficar longe daquela mentira tão fedida. — Gozado... uma hora ela parece uma coisa, mas logo fica diferente! Por que isso?

## 7. A Mentira Cabalo



— Meus queridos eleitores, votem em mim, que eu prometo construir três pontes, uma em cima da outra, sobre o rio... Como? A cidade não tem rio? Pois eu prometo construir um...



— Porque ela é a Falsidade, Mentira Alice. Vive mudando de aspecto. E note a companheira de jaula dela: é a Fraude, que volta e meia a gente encontra abraçada com a Mentira de Político. A Fraude, por sua vez, é irmã gêmea daquela figura horrorosa ali: é a Corrupção.

Alice ainda examinava a Corrupção quando, da próxima jaula, duas vozes roucas começaram a berrar insultos. Cada tipo mais tremendo do que o outro, e o Barão, segurando a menina pelo braço, ajudou-a a afastar-se dali.

— Vamos para longe, Mentira Alice. Essas duas nem dá pra agüentar! Tape os ouvidos. Essas são a Injúria e a Calúnia!

Alice parou de repente e fez força para livrar-se das mãos do Barão:

— Espere um pouco, Barão Mimi! Essa Calúnia eu quero ver de perto. Acho que é a ela que eu procuro!

Tapou os ouvidos para não ouvir tantos xingamentos e falsas acusações e encarou o bicho feio que o mentiroso-chefe tinha apresentado como sendo a Calúnia. Mas achou estranho: aquela Mentira não tinha o menor jeito do Lucas...

— Está bem, Barão. Acho que não deve ser esta. Vamos em frente.

A próxima era uma personagem com ar bem sério, que olhou firme nos olhos da visitante:

— Pode confiar em mim! Pode confiar em mim!

— Que coisa maluca! — comentou Alice. — Por que eu deveria confiar nela? Que mentira é essa?

O Barão baixou a cabeça. Mesmo sendo um mentiroso de pai e mãe, ele tinha seus princípios:

— Essa é uma vergonha, Mentira Alice. É a Traição...

— Ah, dessa eu quero distância — disse a menina. — Vamos conhecer a próxima.

Enquanto se afastava da Traição, Alice não parava de pensar:

“Até agora, nem uma dessas se parece com a Mentira do Lucas. Onde é que essa danada se escondeu?”

## 7 *A Mentira Cabeluda*



Logo adiante, uma mentira franzina encolhia-se. Assim que percebeu a aproximação dos dois visitantes do Zoológico das Piores Mentiras, furtivamente procurou esconder-se nos fundos da jaula.

— E essa daí, tão tímida? Quem é?

— Tímida? Traíçoira, você deveria dizer. Dessa ninguém gosta. Vive escondida aí, sem amigos nem entre as mais horrorosas das Mentiras. É a Mentira Covarde que, por desleixo ou preguiça, procura esconder responsabilidades não assumidas. Uma coisa doida que... ahra... hum... Coisa doida aconteceu quando eu cheguei a São Petersburgo, depois da maior nevasca que o mundo já viu!

— Ai, ai, ai! Barão, diga a men...

— Eu estava exausto, e amarrei o cabresto do meu cavalo na ponta de uma vareta de ferro que estava espetada na neve e acomodei-me para passar a noite. De manhã, quando acordei, estava deitado na praça de uma cidadezinha e... nada do meu cavalo! Teria sido roubado durante a noite?

— Diga a ment...

— Que nada! É que eu havia parado para descansar justo em cima de uma cidadezinha que tinha sido totalmente coberta pela neve no dia anterior. Com o sol da manhã, a neve derreteria sem que eu percebesse e eu, adormecido, fui descendo suavemente, até continuar dormindo no chão firme da praça. Mas o meu cavalo relinchava de desconforto — coitado! —, amarrado como estava na cruz do campanário da igreja, cuja ponta eu tinha confundido com uma vareta de ferro espetada na neve. Daí, não tive outro jeito senão...

Como você já notou, o comando de dizer somente mentiras para parar com a confusão daquele país tão doido tinha uma vali-



dade temporária. Por isso, naquele instante, enquanto o Barão punha-se a contar suas potocas, urros novamente levantaram-se ameaçadores de todas as jaulas! O efeito do comando havia se esgotado, tanto para o Barão quanto para as outras mentiras.

E Alice tomou as devidas providências, berrando com toda a força:

— Digam a mentira, toda a mentira, somente a mentira, nada mais que a mentira!

Como você já esperava, os urros cessaram como por encanto e o Barão retomou o assunto, como se nada tivesse acontecido:

— Como eu ia dizendo, a Mentira Covarde é...

Alice cortou, apontando para uma nova jaula:

— Barão Mimi, veja que interessante: esta daqui ficou quieta enquanto todas as outras mentiras urravam. Por quê?

— Pif! — fez o Barão, com desdém. — Dessa aí eu passo longe!

— Por quê, Barão? Quem é ela?

— É a mais desprezada por todas nós, Mentira Alice. É a Mentira por Omissão, uma mentira muda, a Mentira que mente mesmo sem falar!

“Puxa, numa coisa pelo menos esse mentiroso-chefe tem razão”, raciocinou Alice. “Aqui tem mentira pra todo gosto! Ou pra todo desgosto...”

Os dois continuavam avançando através do longo corredor úmido e mal iluminado, entre as jaulas que aprisionavam os mais tremendos monstros. À medida que avançavam, um fedor começava a empestar tudo em volta. Já estava se tornando insuportável, e Alice ia protestar com o Barão, quando, desta vez bem de perto, ouviu-se novamente o tremendo urro. E que urro!

— Barão! — exclamou a menina. — O que é isso?

Antes que o mentiroso-chefe pudesse responder, Alice viu-se ao pé de uma jaula imensa e, do outro lado das grades, bem pertinho dela, lá estava uma figura assustadora de verdade!



Alice deu um pulo para trás, refugiando-se atrás do Barão, e viu que até mesmo o mentiroso-chefe, governador do País da Mentira, estava tremendo de medo.

E ninguém teve de apresentar a figura monstruosa para Alice...

Era um bicho enorme, peludo, barbado, com uma cabeleira comprida e desgrenhada, de onde pululavam piolhos e baratas... Tinha os olhos esbugalhados e a bocarra aberta, de onde escorria uma baba grossa e esverdeada. E, além da baba, daqueles beijos bafejavase um mau hálito capaz de infeccionar quem chegasse mais perto!

Não, o monstro não precisava ser apresentado. Só poderia ser...

— A Mentira Cabeluda!

Que horror! Aquilo deveria representar a soma de todas as barbaridades que Alice tinha conhecido no Zoológico das Piores Mentiras. Aquela *era* a Pior Mentira, nada poderia ser tão horrendo quanto ela!

“A Mentira do Lucas?”, pensou a menina, tremendo de emoção.

Não, não poderia ser, nem de longe. Da fala do seu amigo querido jamais poderia sair alguma coisa medonha como aquela!

“Será... será que eu estou errada?”, continuava ela a matutar. “Então, qual será a Mentira do Lucas?”

Horror! Nesse momento, as garras peludas da Mentira Cabeluda sacudiram as grades da jaula. Sua força era tremenda!





— Não fuja! Não fuja, Mentira Alice! — gritou o Barão, que já estava mentindo de novo e dizia tudo ao contrário do que queria.  
— Fique onde está!

Mas o aviso veio tarde demais! A Mentira Cabeluda já conseguira entortar as grades e seu corpanzil medonho espremia-se entre elas procurando escapar! Seus olhos injetados de sangue fixavam-se em Alice. A menina era seu alvo!

Apavorado, o Barão gritava suas mentiras:

— Ela *não* pensa que você *não* é uma mentira porque suas pernas *não* são compridas e seu nariz *não* é pequeno! Ela *não* quer destruir você! *Não* fuja!

Sem perder a calma, Alice logo viu que era só tirar os “nãoo” do que o Barão Mimi falava, para entender que a fera babante estava prestes a arrebentar a jaula e devorá-la!

O braço peludo da Mentira Cabeluda estendeu-se para Alice. A menina safou-se e correu na direção da grande porta de entrada do Zoológico das Piores Mentiras.

Atrás de si, ouviu um *CRÁS!* e adivinhou que a jaula viera abaixo! Passos pesados ressoavam pelas paredes e pelo piso de pedra, correndo para pegá-la!

Mas, mais forte ainda, no meio daquela barulheira toda, a menina ouviu a voz do Barão, agora mudada, que, estranhamente, passava a gritar:

— Alice, aprenda a escolher! Você tem de descobrir a diferença! Aprenda a escolher, Alice!

Alice atravessou a porta e viu-se de novo na imensa caverna, lotada por todas as Mentiras, que se puseram a correr feito baratas tontas ao ver que, atrás da menina em fuga, a Mentira Cabeluda vinha babando de ódio!

Como fugir do monstro? Não parecia haver qualquer porta ou abertura que servisse para escapar daquela caverna. Tudo continuava bem escuro, sem indicação de uma luz de saída.



*Como fugir desse monstro babando de ódio? Onde estão as portas da caverna? Está tudo tão escuro e sem qualquer indicação de saída... AAAAAII!*





Repentinamente, a multidão de Mentiras abriu-se, formando uma longa ala entre todos eles, como se indicassem um caminho para a fugitiva. Alice olhou e, no fim daquela passagem, um grande espelho flutuava a meio metro do chão!

“O espelho do Sótão da Vovó!”

Já sentindo o bafo da Mentira Cabeluda e vendo atrás de si refletida no espelho a carantonha da fera, prestes a agarrá-la, Alice não hesitou: deu um pulo e atirou-se na direção do espelho!

Enquanto seu corpo atravessava molemente o espelho, como se ele fosse feito de gelatina incolor, a menina pensava, aliviada:

“Ufa! Que bom voltar para o Sótão da Vovó! Chega da maluquice dessas Mentiras!”

Fiuuuum...

Lá atrás, do fundo da caverna do País da Mentira, continuava a ressoar a voz do Barão Mimi:

— Aprenda a escolher! Você tem de descobrir a diferença! Aprenda a escolher, Alice!

---

## 8 *Uma Verdade de peso*



O salto de Alice não terminou no Sótão da Vovó: ah, que lugar mais diferente do País da Mentira, aquele onde Alice aterrissou!

Era uma campina vasta, ensolarada, sem uma só nuvem no céu, brilhando de tanta luz! Toda aquela sensação de liberdade, porém, tinha um estranho limite: a distância, para todos os lados que olhasse, a menina via grades muito altas, uma fileira de grades, cercando tudo, completamente.



Um pouco à frente de onde Alice tinha chegado, havia um caminho de pedras que dava numa encruzilhada. E ali estava um sujeito obeso, sentado num banquinho. Por incrível que pudesse parecer à menina, o sujeito protegia-se debaixo de um guarda-chuva, apesar do bom tempo.

Alice andou até ele. Logo que chegou perto, viu que o peso exagerado do gordão forçava o banquinho, que se quebrou, derrubando-o no chão, numa queda espetacular!

— Ooops! — fez o sujeito, levantando-se e pegando outro banquinho em uma pilha de banquinhos que tinha atrás de si.

Voltou a sentar-se e o novo banquinho vergou-se e esfacejou-se, novamente derrubando o pobre homem.

— Oooops! — fez ele, sacudindo-se da poeira e armando mais um banquinho, que se arreventou outra vez, e o desastrado caiu no momento em que Alice perguntava:

— Desculpe, meu senhor. Por que insiste em sentar-se, se sabe que o banquinho vai quebrar?

— Porque a Verdade tem de estar sempre bem assentada — respondeu o gordo, armando mais um banquinho do estoque atrás de si e caindo novamente. — Oooops!

— Mas então por que o senhor se senta em banquinhos fracos como esses?

— Porque as bases da Verdade são muito frágeis. Oooops!

Desta vez Alice ajudou o caído a levantar-se, comentando:

— Mas é que, com o seu peso...

O homem interrompeu-lhe a frase:

— Este é o Peso da Verdade. Ooops!

Alice perdeu a paciência: como ia poder perguntar alguma coisa ao homem, se ele não parava de cair?

— Espere um pouco! Fique caído aí só por um minutinho. Preciso saber uma coisa. Onde está todo mundo?

— Todo mundo está no mundo inteiro.



— Ora, o senhor entendeu o que eu perguntei. Não quero saber do “mundo inteiro”. Isso é só um modo de dizer. Onde estão as pessoas deste lugar?

— Só há um modo de dizer a Verdade — respondeu o outro levantando-se, sacudindo-se e armando um novo banquinho. — E neste lugar não há pessoas. Só há verdades.

— Neste caso, onde estão essas “verdades”?

— Estão na reunião com o Sábio. É para lá que eu estou indo — levantou-se, sentou-se no banquinho e... — Oooops!

— Mas o senhor não está indo para lugar nenhum! O senhor está é tentando ficar sentado nesses banquinhos. E devo lhe dizer que não está sendo muito bem-sucedido...

— É que eu não sei qual desses dois caminhos leva ao Sábio. Por isso, não posso ir para lugar nenhum! Oooops!



Alice desistiu. O gordão era maluco demais. E, já que não tinha mesmo mais nada para fazer, decidiu que o melhor seria ir para onde estava o povo daquele lugar. O maluco tinha dito que havia uma reunião com um certo “Sábio”. Bom, se o tal Sábio fosse sábio mesmo, talvez pudesse indicar a ela como voltar para o Sótão da Vovó.

Mas qual dos caminhos escolher?

— É fácil — intrometeu-se o homem, como se tivesse adivinhado seu pensamento. — Há o caminho da esquerda e o caminho da direita. É só decidir no par-ou-ímpar. A sua mão esquerda é ímpar e a direita é par. Jogue par-ou-ímpar consigo mesma e vá pela estrada que ganhar o jogo.

A menina achou boa a sugestão, mas perguntou:

— E por que o senhor não fez a mesma coisa para escolher como chegar à reunião com o Sábio?

— Porque as minhas duas mãos são direitas!

— Ué... então não tem ninguém canhoto neste lugar?

— É claro que tem. Eles usam a *outra* mão direita.

Resposta mais maluca do que esta Alice nunca tinha ouvido, mas achou boa a sugestão do gordo, pois ela sim tinha duas mãos, uma direita e uma esquerda.

— Par! Ímpar!

Ganhou a direita e para lá encaminhou-se Alice.



## 9 *Verdade de guarda-chuva*



O caminho subia por uma pequena ladeira. Chegando no alto dela, Alice viu um vale com uma multidão de guarda-chuvas e sombrinhas coloridas cobrindo quase todos os verdes da paisagem. Bem no centro da multidão, havia um tonel deitado sobre a relva.

Desceu naquela direção, abrindo caminho entre o mar de uma gente esquisitíssima que, debaixo de seus guarda-chuvas, olhava-a de lado, pelo jeito achando-a muito mais esquisita.

A multidão cercava o grande tonel.

De dentro dele, Alice viu sair um velho de barbas brancas, vestindo um camisolão surrado e sandálias mais gastas ainda. E o mais engraçado é que o velho saía do tonel já de guarda-chuva aberto numa das mãos e, na outra, uma lanterna igualzinha à do Barão Mimi!

— Bom-dia — cumprimentou ela, timidamente.

O velho olhou-a firme, examinando-a de alto a baixo:

— Quem é você?

— Sou Alice...

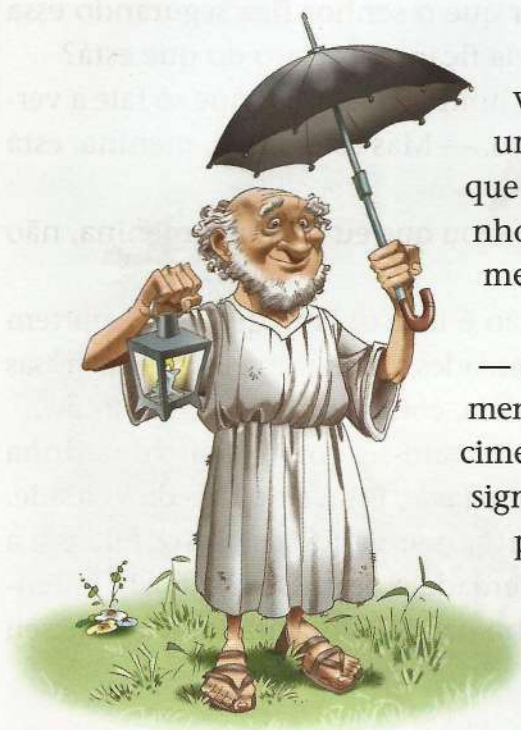
— Alice? Você não é nenhuma Verdade conhecida. Então, deve ser uma Mentira.

Alice fez uma cara desanimada:

— Ai, ai, ai! Mais um que me chama de “mentira”! Já estou ficando cansada dessa história. Meu nome é Alice. E eu sou uma menina. Igual às outras!

O velho levantou um pouco mais a lanterna e olhou-a de perto:

— Igual às outras?! Pelo que estamos vendo, você é muito pior do que as outras, pois tem pernas compridas. Deve então ser a Mentira de Perna Longa. Se todas as mentiras começarem a ser inventadas do seu jeito, nós nunca mais poderemos pegar as mentiras! Mentiras de Perna Longa! Era só o que nos faltava!



Aí Alice protestou:

— Escute aqui, seu sábio: em vez de ficar pensando que eu sou uma mentira de perna longa, por que não conclui que, se eu não tenho pernas curtas, eu *não sou* uma mentira? Não seria mais lógico?

— Não — respondeu o velho.  
— O lógico é concluir que, se as mentiras têm pernas curtas, o aparecimento de uma de perna comprida significa que você é uma mentira pior que as outras, pois é uma mentira que mente até o comprimento das pernas, só pra nos enganar!

— Isso não é lógico. A lógica é que...

O velho levantou a mão, interrompendo:

— Não nos venha falar de lógica! De lógica entendemos nós!

— Ah, é? Bom, eu já me apresentei: sou uma menina e meu nome é Alice. E quem é o senhor? Que lugar é este?

O velho acalmou-se subitamente e respondeu, de um modo gentil:

— Nosso nome é Diógenes de Sínope, mas pode nos chamar de Sábio Didi, se você quiser.

Alice olhou em volta, procurando outro velho de camisola e barbas brancas, para entender quem eram aqueles “nós” a quem o velho se referia. Como não encontrou nenhum, a menina só poderia mesmo chegar a uma conclusão:

“Pronto! Fui cair no meio de mais gente maluca! Esse velho fala de si mesmo como se fosse uma porção de pessoas!”



— Prazer, Sábio Didi. E por que o senhor fica segurando essa lanterna, se o tempo não poderia ficar mais claro do que está?

— Estamos procurando um homem honesto, que só fale a verdade! — respondeu o velho sábio. — Mas está difícil, menina, está difícil...

— Oh, então o senhor já aceitou que eu sou uma menina, não é? Que alívio!

— Hum... uma menina? Não é lógico. Por aqui, só quem tem pernas normais somos nós, as verdades, ou mentiras tão mentirosas que mentem até a própria aparência, como as mulheres vaidosas...

As suspeitas de Alice confirmavam-se, então. A menina tinha atravessado o espelho para o *Outro Lado*. Estava no País da Verdade. Ufa! Agora não precisava mais ficar mandando os outros falarem a mentira, para que falassem a verdade e deixassem que ela entendesse pelo menos um pouquinho daquela loucura toda aonde seu próprio espirro a tinha levado.

— Este é o País da Verdade, não é?

— Verdade — respondeu o Sábio Didi. — Aqui você só vai encontrar verdades das mais verdadeiras. Mentira, aqui, não tem vez. Nós ficamos o tempo todo tentando acabar com as mentiras assim como as mentiras ficam procurando nos destruir. Mas o problema é que nem nós nem eles podemos ganhar essa guerra...

— Por quê?

— Porque, para continuarmos sendo verdades, precisamos da existência do *Outro Lado*. Se não houver o inverso da moeda, nós não existiremos mais. Para existirmos, é preciso que haja o avesso de nós mesmos. Do mesmo modo que a Mentira, para existir, precisa contrastar com a Verdade, a Verdade precisa da existência da Mentira. Se nós destruirmos as mentiras, vamos ser o quê, já que não teremos nada com que nos comparar?

Alice teve de concordar. Era um raciocínio bem maluco, mas parecia lógico.





— Este é o País da Verdade?

— Sim. Mentira aqui não tem vez. O tempo todo tentamos acabar com as mentiras assim como as mentiras tentam acabar com a gente. Mas ninguém pode ganhar essa guerra...





O velho olhava cismado para a menina. Coçou a barba, pensou muito, e concluiu:

— Hum... acho que agora descobrimos: você é mentirosamente uma mentira!

A menina sacudiu a cabeça, desanimada, sem saber mais o que fazer para convencer o sábio:

— Ai, ai, já cansei de dizer ao senhor que não sou verdade nem mentira, sou uma menina e pronto!

— Você é uma mentira, das mais mentirosas! Sabe como nós descobrimos? Por que você não usa guarda-chuva. E todas as verdades usam guarda-chuva!

— Eu só uso guarda-chuva quando está chovendo! — protestou Alice. — Além do mais, quando eu espirrei, estava sem guarda-chuva.

— Quando espirrou? Não entendemos o que tem a ver espirro com guarda-chuva...

— Deixe pra lá, Sábio Didi. Mas a minha curiosidade é esta mesmo: por que vocês, as verdades, estão sempre de guarda-chuva aberto, se nem está ameaçando chover?

— Se você fosse uma de nós, menina, saberia muito bem que é por causa *dela*!

— Dela? Quem é essa?

— Nem adianta contar. Só uma Verdade de verdade poderia compreender o perigo que *ela* significa para nós!

## 10 *Tem gente que não gosta de ouvir a Verdade*



A visita forçada de Alice ao País da Verdade estava sendo bem mais difícil de compreender do que a aventura no País da Mentira. Além da história do guarda-chuva, havia mais dois outros pontos que precisavam ser tirados a limpo:

— Sábio Didi, por que tudo aqui é tão iluminado? Por que não há nem nuvens no céu?

— Porque a Verdade, pra ter valor, tem de viver às claras.

— Hum... é um lugar muito claro mesmo, mas não entendi por que tudo está cercado por grades tão altas...

O velho encolheu-se e baixou a cabeça:

— Verdade é uma coisa perigosa de se dizer... Por isso, ficamos todas presas aqui, porque tem muita gente que não gosta de ouvir a Verdade. Todo mundo adora ser enganado...

Alice enlaçou o braço do velho, como se ele fosse um vovô carinhoso.

— Oh, Sábio Didi, não fique triste. Pode estar certo de que ninguém pode viver sem a Verdade. Eu mesma vim parar aqui porque estava muito triste com uma mentira. Pois acabei de visitar o País da Mentira e descobri que elas são todas diferentes, nem todas são más. Mas agora, conhecendo o seu país, estou vendo que, ao contrário, a Verdade é uma só e...

O Velho pôs a mão sobre a mãozinha de Alice:

— Uma só? Que nada! Nós somos tão diferentes quanto as mentiras. Venha. Vamos lhe mostrar.

Levantou-se com a agilidade de um jovem e, levando a menina pela mão, guiou-a por entre aquele mundaréu de gentes cobertas com guarda-chuvas:

— As verdades, menina, dependem do ponto de vista, das necessidades, das oportunidades. Por isso, elas sempre são diferentes.



Alice viu uma mulher luminosa, radiante. Até o guarda-chuva dela era iluminado!

— Esta é a Sinceridade...

— Linda!

— Aquela ali é a Autenticidade...

— Puxa, dessa não dá pra duvidar!

— Esta outra é a Exatidão...

A Exatidão, ao ser apresentada, aproximou-se de Alice e mediu-a com uma fita métrica. Depois, mediu a barba do Sábio Didi. Por fim, afastou-se, dizendo:

— Exato!

Chegaram a um sujeito muito elegante, vestido de fraque e cartola.

— Este é o Rigor...

Ao lado do Rigor, estava outra Verdade, esta com a cara mais emproada possível.

— É o Caráter. Não muda nunca de expressão.

Em seguida, Alice notou uma jovem sentada à frente de um bastidor, desligada de tudo, sem olhar para ninguém, que bordava caprichosamente uma linda tapeçaria.

— Esta é uma das mais respeitadas verdades que temos aqui, Alice — explicou o Sábio Didi. — É a Fidelidade. Nós a chamamos de Penélope.

— Esta tem nome próprio? Por quê?

— É uma bela história. Uma vez, o marido dela, chamado Ulisses, saiu para a guerra e ninguém





mais tinha notícias dele. Todo mundo dizia que ele havia morrido em alguma batalha contra os troianos. Daí, como o reino de Ulisses era muito rico e como Penélope era muito linda, vários pretendentes começaram a se aproximar da suposta viúva, querendo casar com ela. Penélope, muito pressionada pelos pretendentes à sua mão, prometeu que escolheria um deles para esposo logo que acabasse de tecer uma tapeçaria. Mas, como ela amava muito o marido e não aceitava que ele tivesse morrido, toda noite desfazia tudo aquilo que havia bordado de dia, de modo que a tapeçaria nunca ficava pronta. E ela estava certa: um dia Ulisses voltou da guerra, acabou com os cobiçosos pretendentes e os dois continuaram sendo felizes para sempre!

Alice aplaudiu:

— Que história linda, Sábio Didi! Essa Penélope serviria para representar a Dedicção, ou o Amor Verdadeiro, ou...

— Não, Alice. Isso tudo fica no País dos Bons Sentimentos. Já fomos lá, quando éramos criança. Mas depois acabamos caindo no País dos Maus Sentimentos e deu um trabalhão para sair de lá. Tinha o Ódio, a Inveja, a Cobiça, a Ganância... Nem queira saber!

Chegaram perto de uma outra Verdade, que ficava o tempo todo com o indicador apontando para os outros.

— Esta é uma das nossas mais necessárias verdades, menina — apresentou o Sábio Didi. — É a Denúncia. Mas vive sempre meio insegura, coitada...

— Insegura? Por quê?

— Porque, se for confundida com a Delação, ela se torna uma das Piores Verdades!

— Não diga, Sábio Didi! Quer dizer que vocês aqui também têm um zoológico?

— Não.

— E onde estão essas Piores Verdades?

— Estão na cadeia.

— Puxa... cadeia é pior que zoológico, não é?

O Sábio Didi parou subitamente o passeio:



— Se elas são piores, têm de ficar num lugar pior. Ficam no Calabouço das Piores Verdades!

Alice lembrou-se do sufoco que tinha sido a visita ao Zoológico das Piores Mentiras e já ia perguntar mais sobre o tal calabouço, quando o que viu à sua frente deixou-a de boca aberta:

— Sábio Didi, quem é essa? Que coisa espetacular!

Destacando-se na multidão de verdades, a menina via a fada mais linda deste mundo! Se não tivesse duas mãos direitas e um narizinho tão delicado, Alice podia jurar que era a irmã gêmea da Boa Mentira! E se não estivesse de guarda-chuva aberto, é claro...

Da linda fada, seus olhos se voltaram para o sábio, que sorria, enlevado:

— O que você está vendo, Alice?

— Estou vendo a fada mais deslumbrante deste e de todos os mundos...

Os olhos do Sábio Didi encheram-se de lágrimas, emocionado:

— Ah, estamos felizes de saber disso, Alice! Se o que você está vendo é mesmo tão maravilhoso assim, isso significa que você é uma ótima menina. Esta é a Verdade-de-cada-um. A aparência dessa





Verdade depende de como cada um vê a sua própria Verdade... É você mesma que, no seu íntimo, é tão linda quanto ela!

Alice ia até corando com o elogio, quando, de repente, aquela festa terminou!



## 11 *O ataque da Dúvida*



Uma jovem Verdade vinha correndo de longe, esbaforida, e gritando:

— Sábio Didi! Sábio Didi! Cubra-se bem! Depressa! *Ela* está nos atacando novamente!

Foi uma balbúrdia! Todas as verdades começaram a correr de um lado para outro, a encolherem-se debaixo de seus guarda-chuvas e sombrinhas, gritando:

— Ela! É ela novamente! Estamos perdidos!

O velho sábio imediatamente puxou Alice para baixo de seu guarda-chuva:

— Proteja-se, menina! Ela é mortal!

Alice olhou para o céu. Que coisa mais impressionante! Uma revoada de corvos negros cercava uma bruxa mais horrenda do que a bruxa da Branca de Neve! Cavalgando uma vassoura e dando vôos rasantes como um bombardeiro, a danada gargalhava, enquanto lançava bolas de fogo na direção das Verdades, que corriam sem direção, desesperadas!

— Qui-qui-qui-qui! Ca-ca-ca-ca-cá!

As bolas explodiam em cima dos guarda-chuvas, numa sucessão de explosões coloridas como fogos de artifício!



O barulho era demais, e Alice teve de gritar no ouvido do velho:  
— Sábio Didi, quem é essa? O que está acontecendo?

— É a Bruxa da Dúvida! Ela vive tentando abalar a nossa Certeza. E a Certeza é nossa própria vida! Se não resolvermos as dúvidas que aparecem, como vamos afirmar que o que representamos é a Verdade?

“Ah...”, concluiu a menina. “Então é por isso que as verdades usam guarda-chuva... Para se protegerem da Dúvida!”

— São as Bolas de Fogo da Dúvida! — uma das verdades gritava. — Protejam-se!

Uma Verdade mais estabana troçou e seu guarda-chuva caiu-lhe de uma das mãos direitas! Na mesma hora, a Bruxa da Dúvida percebeu a oportunidade e não perdeu tempo, acertando a cabeça da vítima em cheio!



“Bum!”

Como numa mágica, a pobre Verdade desapareceu feito uma bolha de sabão, estourando-se no ar!

— Sábio Didi! Sábio Didi! — imploravam as verdades mais próximas. — O que vamos fazer? Ela vai nos destruir a todos! Já pegou algumas de nós!

O velho sábio assumiu o comando:

— Vamos resistir, verdades! Coragem! Corram ao Arsenal da Verdade! Tragam os Axiomas! Vamos jogar pesado com essa danada!

Alice viu algumas verdades mais fortes e mais dispostas saírem correndo para cumprir a ordem e perguntou:

— *Aquiciômas?! O que é isso?*

— Artilharia antiaérea! — explicou o Sábio Didi, aos berros. — São as poucas afirmações que ninguém discute e todo mundo aceita.

— Ainda não entendi direito...

— Axiomas são Verdades Indiscutíveis. Um amigo nosso nos deu um exemplo: “Nada pode ser e não ser ao mesmo tempo”. É como você, que não pode *ser* Alice e *não ser* Alice ao mesmo tempo. O nome dele é Aristóteles mas, se você o encontrar, pode chamá-lo de Filósofo Totó, que ele não liga.

As verdades que tinham ido buscar as armas já estavam de volta e corajosamente começavam a lançar os tais Axiomas na direção da Bruxa da Dúvida. Os Axiomas subiam como raios e estalavam em fagulhas ao destruir as Bolas do Fogo da Dúvida! Os corvos perdiam o equilíbrio, soltando penas negras para todo lado!

Vendo-se cercada pelos Raios-Axiomas, a Bruxa da Dúvida sacudia o punho fechado para o lado do Sábio Didi:

— Ah, miseráveis verdades! Mas eu voltarei! Eu voltarei! Qui-qui-qui! Ca-ca-ca-cá! Vocês não se livram de mim! Nunca se livrarão de mim!

E voou em retirada, seguida pelos corvos, enquanto as verdades gritavam de alegria e abraçavam-se, vitoriosas!





— Ah, miseráveis! Vocês **NUNCA** vão poder se livrar de mim! Quando menos esperarem, estarei de volta para destruir todos vocês.



Alice batia palmas:

— Essa batalha foi demais! Por sorte, vocês tinham muitos Axiomas no arsenal.

— Nada disso, menina — informou o sábio. — Os Axiomas são muito poucos.

— São poucos? — admirou-se Alice. — E agora? E se a Bruxa da Dúvida voltar? Vai faltar munição!

— Não. Os Axiomas são poucos mas são indestrutíveis. Podem ser usados vezes sem fim! Logo, o nosso pessoal vai recolher tudo o que a gente usou e guardar de novo no arsenal, até a próxima provocação da Dúvida. E a Dúvida, minha menina, pode atacar a qualquer hora!

Nessa altura, o Sábio Didi resolveu impedir que a comemoração durasse muito e mandou fazer o levantamento das baixas da batalha. Quando recebeu os resultados, sacudiu a cabeça, desanimado, comentando com a menina:

— É sempre assim! Tem gente cabeça-dura que se sente tão segura do que sabe que nem teme a Dúvida! Olhe só: perdemos duas Verdades Teimosas que estavam fazendo doutorado e sentiam-se tão certas das idéias que defendiam que ficaram em campo aberto sem guarda-chuva! Coitadas...

Havia também mais duas Verdades Inseguras que tinham desaparecido sob as Bolas de Fogo da Bruxa da Dúvida por não se defenderem direito, mas o resto estava bem, fora um ou outro arranhão ou queimadurazinha de nada.

A glória de todos foi encontrar uma Verdade Humilde que, apesar de ter sido fortemente bombardeada, tinha conseguido defender-se de todas as bolas de fogo da Dúvida, rebatendo uma a uma e saindo com suas Certezas ainda mais fortalecidas.

Com lágrimas nos olhos, emocionada, a jovem Verdade Humilde perfilou-se para receber uma medalha de bravura das próprias mãos do Sábio Didi. Muito compenetrado, o velho sábio alfinetou a medalha na roupa da Verdade Humilde, dizendo:



— Receba com orgulho esta condecoração, Verdade Humilde, pois vossa coragem mais uma vez demonstrou que uma Verdade de verdade só pode provar a si mesma se não tiver medo da Dúvida! Você soube aproveitar o ataque da Dúvida para provar a força da sua Verdade. Para você, a Dúvida foi uma fada e não uma bruxa. De agora em diante, você será conhecida como a Verdade Provada!



— Viva! — gritavam todos, que não conseguiam bater palmas, mas batiam palma-com-dorso-da-mão, pois todas só tinham mãos direitas. — Viva a Verdade Provada!

## 12 *A cueca do seu avô subiu no telhado*



Alice não tinha compreendido direito o discurso:

— Mas como pode a Dúvida ser uma bruxa perigosa para alguns e uma fada maravilhosa para outros?

O velho encolheu os ombros:

— Não é a Dúvida que é uma coisa ou outra. Na batalha de hoje, duas Verdades Teimosas, esnobes como elas só, viraram fumaça com o ataque da Dúvida, enquanto a Verdade Humilde até ficou mais forte com o mesmo ataque. Depende do modo que cada um recebe a Dúvida, menina. É preciso saber escolher!

— Gostei da explicação e da aventura, Sábio Didi — confessou Alice. — Ninguém pode com a Verdade! Agora eu sei que dá pra en-



frentar a Dúvida quando ela é bruxa e até o mau hálito de qualquer Mentira Cabeluda: é só jogar uma Verdade, assim, na lata!

O velho levantou a mão, discordando:

— Não é assim, menina. A Verdade não pode ser jogada assim, como você diz, “na lata”. Verdade é como homeopatia: tem de ser dita aos poucos, em pequenas doses, pra não assustar.

— Ué! Não entendi...

— É simples. Vamos mostrar para você.

Chamou uma jovem Verdade que passava por perto e perguntou:

— Amiga Verdade, vamos supor que você acabou de saber que o avô de um amigo seu tinha subido no telhado para fazer um conserto, caiu de lá e morreu. Você sabe que esse amigo gosta muito do avô e que ele poderia levar um choque quando recebesse a notícia. Como você agiria?

A Verdade convocada nem pestanejou:

— É simples. Primeiro, para preparar o espírito do meu amigo, eu enviaria uma mensagem dizendo: “A cueca do seu avô subiu no telhado”.

— Sim?

— Em seguida, eu mandaria outra mensagem assim: “A cueca do seu avô caiu do telhado”.

— E depois?

— Fácil! E eu terminaria a comunicação dizendo: “O seu avô estava dentro da cueca”!

Alice caiu na gargalhada:

— Ah, mas que coisa sem jeito! E, depois, o que você ia dizer? Que a cueca morreu? E, depois, que o avô morreu junto com a cueca?

— Está bem, está bem — concordou o velho. — Vamos dizer que o exemplo não ficou bem claro. Então vamos chamar um especialista. Verdade Cuidadosa, venha cá, por favor!

Um sujeitinho com cara de sonso apresentou-se, sorrindo timidamente.



— Agora você, Verdade Distraída. Venha cá. Você será a Mulher do Fazendeiro e a Verdade Cuidadosa fará o papel do Capataz. Vamos representar para a visita a pecinha “Verdade é como homeopatia”! E o próprio velho começou, assumindo o papel de narrador:



Já estava há mais de um mês,  
a mulher de um fazendeiro,  
a gastar um bom dinheiro,  
fazendo compras lá na capital,  
quando encontrou, de um modo casual,  
de sua fazenda, o próprio capataz,  
e logo assim foi falando pro rapaz:

Como é que vai, meu caro capataz?  
Que novidades tu me traz?



Tudo vai bem, minha cara patroa.  
Tudo vai bem, vai tudo numa boa!  
Vai tudo bem, senhora patroíinha.  
Tudo vai bem, vai muito bem!

E o que me contas, meu caro capataz?  
Lá na fazenda, vai tudo em santa paz?



Com exceção de uma coisinha à-toa,  
tudo vai bem, vai muito bem!



O que me dizes? Fala-me depressa!  
Dize-me logo, mas que coisinha é essa?

Foi uma coisa que aconteceu.  
Foi seu cavalo que morreu...  
Mas fora isso, sem nada mais além,  
tudo vai bem, vai muito bem!



O meu cavalo?! Mas o que sucedeu?  
Mas do que foi que ele morreu?

Morreu queimado, pois foi dessa maneira.  
Foi lá no incêndio da cocheira...  
Mas fora isso, sem nada mais além,  
tudo vai bem, vai muito bem!



Nossa cocheira, então se incendiou?  
E essa desgraça, como se passou?

O fogo veio do incêndio da mansão,  
queimou todinha, virou tudo carvão...  
Mas fora isso, sem nada mais além,  
tudo vai bem, vai muito bem!



Minha mansão?! Mas que calamidade!  
Como ocorreu essa fatalidade?

Foi no velório, uma vela tombou.  
Foi bem assim que tudo se passou.  
Mas fora isso, sem nada mais além,  
tudo vai bem, vai muito bem!





Foi num velório? Mas o que aconteceu?  
Me diga logo quem morreu!

Foi sua mãe, naquele turbilhão,  
queimou todinha, no caixão.  
Mas fora isso, sem nada mais além,  
tudo vai bem, vai muito bem!



A minha mãe!? A pobrezinha ardeu?  
Mas por que foi que ela morreu?

Foi de desgosto, ela não suportou,  
quando seu marido se enforcou...  
Mas fora isso, sem nada mais além,  
tudo vai bem, vai muito bem!

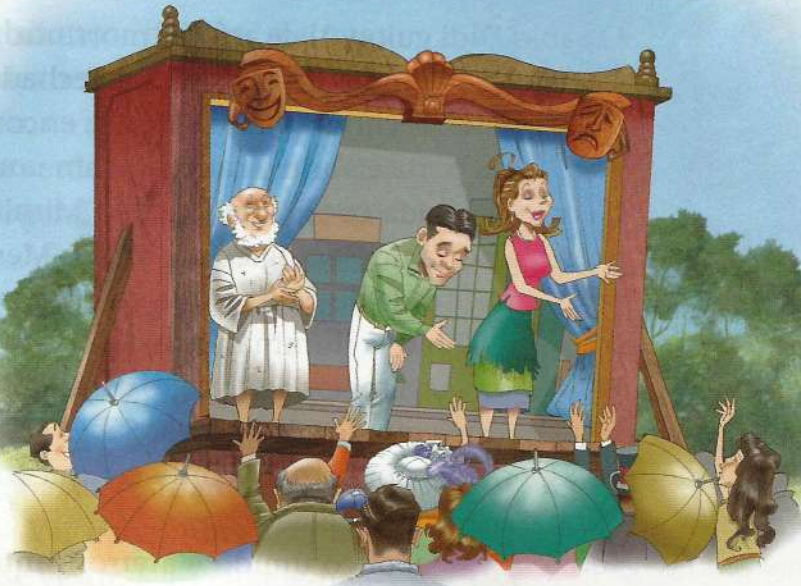


O meu marido?! Então se enforcou?  
Mas por que foi que ele se matou?

Foi quando viu que estava arruinado,  
todo o dinheiro se tinha acabado...  
Todas as terras tinham sido penhoradas,  
todas as posses tinham sido tomadas...  
Ele matou-se, pois viu-se indefeso,  
quando o juiz mandou que fosse preso...  
Mas fora isso, sem nada mais além,  
tudo vai bem, vai muito bem!



Enquanto os atores dançavam, cantando o refrão “tudo vai bem, vai muito bem”, as verdades aplaudiam com entusiasmo. Mas Alice, só por educação, preferiu não comentar com o Sábio Didi que aquele jeito de dizer a verdade era maluco demais...



— Muito bem! Bravo! Essas verdades deviam trabalhar na televisão! Estou adorando as verdades, Sábio Didi. São todas umas gracinhas! Um pouco maluquinhas, mas deliciosas!

O velho sábio sacudiu a cabeça, com um ar de desgosto:

— Nem todas, menina, nem todas... Temos as outras: as Piores Verdades... Para nos conhecer direito, você precisa saber quem são elas.

Alice lembrou-se dos sustos que tinha passado no Zoológico das Piores Mentiras, mas não queria parecer mal-educada:

— Bom, não precisa se incomodar...

— Incômodo nenhum, menina, incômodo nenhum... Vamos lá. Venha conhecer o Calabouço das Piores Verdades!



---

## 13 *O Calabouço das Piores Verdades*



O Sábio Didi guiou Alice até um morrinho, onde se encravava uma porta de madeira fechada com um cadeado. Fechou o guarda-chuva, encostou-o ao lado da porta e abriu o cadeado com uma chave bem parecida com a que o Barão Mimi havia aberto a porta do Zoológico das Piores Mentiras.

Depois da porta, havia uma escada de pedras, que descia para a escuridão. Com a lanterna, o Sábio ia iluminando a descida.

Logo na escada, Alice ouviu gemidos de cortar o coração.

— Pelo jeito, alguém está com dor de barriga, Sábio Didi...

— Ah, menina! Espere um pouco para conhecer quem é que está gemendo! É o nosso maior problema!

Haviam chegado a um calabouço úmido e aterrorizante, que ecoava os gemidos. Dessa vez não havia jaulas mas, ao longo das paredes, Alice viu vários personagens acorrentados pelos tornozelos a enormes bolas de ferro.

— Que horror! — exclamou a menina.

Ao perceber o espanto da visitante, uma aparição esquelética, treloucada, quase atirou-se para cima de Alice, sendo detida apenas pela grossa corrente que a prendia:

— Foi ela! Foi ela! Foi ela!

Alice olhou para o Sábio Didi e balançou a cabeça:

— Esta é a Delação, não é?

— Acertou, menina, acertou... É nela que a Denúncia pode se transformar se não tiver cuidado com o que diz. A Delação é uma vergonha para todas nós, Verdades Honestas... Por causa dessa daí, muita gente não gosta da Verdade... Ei, Cuidado!

Alice teve de dar um pulo para trás, pois a próxima Verdade também se jogava em sua direção, mas dessa vez armada com um porrete!



— Saia daí, Verdade-doa-a-quem-doer! Respeite as visitas! Alice, vamos andar bem no meio do calabouço, pois há algumas verdades bem agressivas por aqui!

Uma a uma, Alice foi conhecendo verdades que, para a felicidade geral, bem poderiam ficar ocultas por uma Boa Mentira. Mas uma delas era ainda mais surpreendente:

— Sábio Didi! Essa daí está pelada! Com a umidade daqui, vai acabar se resfriando!

— Vai nada, Alice. Ela não pode se vestir. É a Verdade-nua-e-crua...

Aproximavam-se da escuridão do fundo do calabouço, e os gemidos de alma penada estavam cada vez mais perto. Nesse momento, a luz da lanterna do Sábio Didi iluminou uma figura assustadora! Era magro, com os tornozelos presos a correntes fixadas a duas bolas de ferro, e que erguia um grande livro acima da cabeça. Vestia um camisolão sujo, tinha os cabelos sebosos, mal cobertos por um capuz mais enebado ainda, os olhos esbugalhados, os dentes estragados, e gemia como uma alma penada de filme de terror!

O Sábio Didi apertou o braço de Alice, impedindo que ela se aproximasse daquela figura assustadora. Mas o louco, ao botar os olhos na menina, parou de gemer e passou a berrar, com uma voz fortíssima, brutal:





# 13 O Calabouço das Flores

— Só eu tenho a Verdade! Só eu tenho a Revelação! Só eu estou certa! Não acredite em mais nada! Está tudo escrito aqui! Tudo escrito!

Foi se enfurecendo enquanto falava. Seu fanatismo era demais e multiplicava sua força, a ponto de seus avanços conseguirem arrastar as bolas de ferro!

— Vamos sair daqui, Alice. Nunca confie em alguém de um livro só. Ela está mais furiosa do que o normal. É melhor não arriscar!

— Só eu tenho a Verdade! Só eu! Só eu!

— Que coisa mais assustadora, Sábio Didi! Quem é ela?

— É a mais perigosa de todas nós. É a Verdade Absoluta!

— Absoluta? — perguntou Alice. — Como um Axioma?

— Nada disso! Axiomas são Verdades Indiscutíveis, que todo mundo aceita, sem que ninguém tenha de impor. A Verdade Absoluta é uma fanática que quer impor seu tipo de Verdade a todo mundo!



Começaram a recuar para a saída, mas já era tarde! A Verdade Absoluta agarrava a corrente de uma das bolas e começava a girá-la no alto da cabeça! Logo conseguiu grande impulso e soltou a bola na direção de Alice!

— Cuidado, menina!

A menina abaixou-se, e a bola de ferro passou pertinho de sua cabeça! Presa pelos tornozelos, a Verdade Absoluta, de pernas abertas, com uma das bolas de ferro atirando-a à frente e com a outra bola vindo por trás, passou também por sobre Alice e foi chocar-se com o Sábio Didi, derrubando-o no chão!

— Eu sou a Verdade Absoluta! Absoluta! Só eu, só eu tenho a Verdade! — berrava ela, atracada ao Sábio, que procurava segurá-la, para impedir que ela pulasse sobre Alice...

— Fuja, menina! — gritava o Sábio Didi. — Fuja da Verdade Absoluta! Ela quer destruir a beleza que existe dentro de você! Fuja!

Alice não esperou segunda ordem e saiu correndo, do mesmo jeito que havia fugido do País da Mentira.

A Verdade Absoluta conseguiu livrar-se do velho sábio e, arrastando as bolas de ferro, com uma expressão tresloucada, erguendo seu livro, gritava:

— Eu vou te pegar! Vou te pegar! Só siga o que eu digo! Sou a Dona da Verdade! Eu vou te pegar!

A mão da Verdade Absoluta, uma garra disforme, estendeu-se e agarrou o chapéu emplumado de Alice, arrancando-o! Mas a menina safou-se, correndo a valer! Enquanto corria, atrás de si a menina ouvia a voz do Sábio Didi, que, estranhamente, aconselhava:

— Aprenda a escolher! Você tem de descobrir a diferença! Aprenda a escolher, Alice!



## 14 *A melhor e a pior comida do mundo*



Fugindo o mais rápido que conseguia correr, Alice chegou à encruzilhada onde havia encontrado o gordão, que lá continuava, quebrando banquinhos e estatelando-se no chão.

— Oooops!

“Nesta encruzilhada, sobrava um caminho.

É por lá que eu vou!”

Enfiou-se pelo caminho da esquerda e, repentinamente, as ameaças da Verdade Absoluta não eram mais ouvidas.

A paisagem mudava completamente. Dessa vez, o caminho serpenteava por um bosque bem fechado.

Aos poucos, as árvores foram rareando e a menina encontrou-se numa clareira. À sua frente, estava um castelinho pequeno e muito antigo. Só não parecia um castelo perfeito porque tinha chaminés em lugar de torres. E todas fumegando!

“Que castelo mais esquisito! Bem, vamos ver o que há nele.”

Andou até o que parecia ser a porta principal. Ali estava um cartaz que dizia “Cozinha da Duquesa”.

“Hum... acho melhor procurar a entrada social desse castelinho...”, pensou a menina. “Só pessoas muito íntimas devem entrar pela porta da cozinha...”

Deu a volta no castelo mas, em cada porta que encontrava, sempre havia o mesmo cartaz: “Cozinha da Duquesa”.

Acabou voltando à porta maior. Dessa vez ela estava aberta e uma mulher gorda, de avental e colher de pau na mão, olhava-a desconfiada:

— Quem é você? O que quer aqui? O jantar ainda não está pronto.

— Eu... bem, eu sou Alice. É que eu estava fugindo da Verdade Absoluta e...



— Fugitivo é gelatina de framboesa em assadeira untada com manteiga — cortou a mulher, secamente. — E aqui não é lugar de fugitivos. Aqui é a Cozinha do Castelo da Duquesa.

— Da Duquesa? Ela está?

— Não está. Só chega na hora do jantar. E vá entrando logo porque eu não posso ficar perdendo tempo.

Alice lembrou-se da pimenteira que tinha encontrado no baú do Sótão do Espelho e perguntou:

— A senhora é que é a Cozinheira da Duquesa?

— Não está vendo? Ande logo que eu tenho panelas no fogo.

Alice entrou atrás da mulher e... Bem, a menina jamais tinha entrado em qualquer castelo, mas conhecia muitos deles pelas ilustrações de seus livros de contos de fadas. E o interior daquele castelinho não se parecia em nada com o que ela imaginava de castelos: tudo era uma enorme cozinha, com vários fogões a lenha, todos acesos e todos cheios de panelas fumegantes!

— O jantar ainda vai demorar — disse a Cozinheira da Duquesa. — Enquanto isso, você pode ir comendo a sobremesa.

— A sobremesa? — espantou-se Alice. — Mas sobremesa a gente come *depois* das refeições!

— Quem é que entende de comida aqui? — perguntou a Cozinheira com ar de superioridade. — Sou eu ou é você?

— Perdão... é que eu...

— Você não sabe o que é o perdão. “Perdão” é biscoito de chocolate com recheio de baunilha. É este aqui, pode pegar.

— Não tem com recheio de morango?





— Tem, mas com recheio de morango é perdão de mentiroso, que finge perdoar, mas não perdoa coisa nenhuma.

— E sorvete?

— Sorvete não serve. É só uma desculpinha. Derrete logo e perde o valor.

— E este?

— Isso é sequilho. Esfarela logo. Não passa de desculpa esfarrapada.

Alice pegou o biscoito de chocolate com recheio de baunilha. Como ainda não tinha almoçado nem jantado, guardou-o no bolso do avental, para mais tarde.

A cozinheira andava de um fogão para outro, de uma panela para a outra, mexia, provava e chegava sempre à mesma conclusão:

— Hum... está faltando pimenta! Tenho de pôr mais pimenta! Mais pimenta!

E salpicava o conteúdo de cada panela com uma pimenteira igualzinha à que Alice havia encontrado no baú.

— O que a senhora está cozinhando? — perguntou Alice.

— Nesta panela? Estou cozinhando a melhor comida do mundo!

— A melhor comida do mundo? — e a menina já começou a pensar em seus pratos prediletos. — E qual é a melhor comida do mundo?

— É língua, ora essa!

— Língua?! Nunca ouvi dizer que língua é a melhor comida do mundo...

— O que pode haver de melhor do que a língua, menina? É a língua que une os povos, que aproxima as pessoas. Se não houvesse a língua, como a gente ia se entender? Sem a língua como é que os poetas iam escrever seus versos? O que é que os escritores iam fazer com as suas idéias? Com a língua se ensina, se reza, se explica, se canta, se descreve, se elogia, se demonstra, se afirma. Com a língua dizemos “Mãe”, e “Paz”, e “Deus”. Com a língua dizemos “eu te amo”! O que pode haver de melhor do que a língua, menina?



Alice teve de concordar com a Cozinheira da Duquesa, mas, por dentro, continuou pensando que língua estava looonge de ser sua comida predileta.

A cozinheira andou até outro fogão e passou a mexer em outra panela.

— E agora? — perguntou Alice. — O que a senhora está cozinhando?

— Estou cozinhando a pior comida do mundo!

— A pior? E que comida é essa?

— É língua, claro!

— Língua?! Mas a senhora não disse que língua era a melhor comida do mundo?

— A língua é o que há de pior, menina. É ela que divide a humanidade, que separa os povos. É a língua que usam os maus políticos quando querem nos enganar com suas falsas promessas. É a língua que usam os vigaristas quando querem trapacear. É a língua que mente, que engana, que explora, que blasfema, que insulta, que xinga, que bajula, que calunia, que vende, que seduz, que corrompe. Com a língua, dizemos “maldito” e “canalha” e “demônio”. Com a língua dizemos “eu te odeio”!



Dessa vez, lembrando-se da batalha contra a Dúvida no País da Verdade, Alice discordou:

— Não está certo! O Filósofo Totó, que eu não conheço, mas que deve ser uma pessoa muito importante, diz que uma coisa não pode *ser* e *não ser* ao mesmo tempo. É um tal de Axioma, que serve também como





raio contra bruxas bombardeiras, que jogam dúvidas em todo mundo. E um Axioma é uma Verdade Indiscutível. Como pode então a língua, ao mesmo tempo, ser “a pior” e “a melhor” de todas as coisas?

— Depende da pessoa que tem a língua dentro da boca, menina. É preciso aprender a controlar a língua, para não ser controlado por ela. Aprenda a escolher, menina. É preciso saber escolher. Você tem de descobrir a diferença! Aprenda a escolher!

Alice ficou matutando:

“Até os tais Axiomas dependem do uso que se faz deles...”.

A Cozinheira da Duquesa remexia em um caldeirão e provava seu conteúdo, concluindo:

— Ah! Está faltando pimenta! Mais pimenta! Mais pimenta!

— E agora? O que a senhora está cozinhando? — perguntou a menina.

— Orelhas de frango.

— Orelhas de frango?! — espantou-se a menina. — Mas frango não tem orelha!

— Como não tem? Então por que é que as galinhas vêm correndo quando a gente entra no galinheiro fazendo “pi-pi-pi-pi-pi” e jogando milho para elas? E por que elas fogem quando a gente diz “xô, galinha”? Não há nada mais importante do que orelhas, menina! A língua pode estar dizendo uma coisa e a orelha ouvindo outra! É difícil aprender a ouvir, Alice, nem adianta



preferir orelhas grandes como as dos elefantes em vez das invisíveis, como as dos beija-flores. Muita coisa depende mais do modo que se ouve do que do modo que a coisa é dita. É preciso aprender a ouvir! Aprenda a ouvir, menina Alice!

“Língua boa e língua má... Orelhas que ouvem bem e orelhas que ouvem mal... Como é que se descobre a diferença?”, confundia-se Alice.



Vendo a menina pensativa, a Cozinheira da Duquesa voltou-lhe as costas e mergulhou sua colher de pau no caldeirão.

— Mas agora eu não tenho tempo pra conversas e nem sei se você tem orelhas de elefante ou orelhas de beija-flor. De que adianta ficar falando coisas se a gente não sabe como é que os outros estão ouvindo? Tenho mesmo é de terminar o jantar, antes que a Duquesa chegue. Hum... vamos experimentar o tempero... Ui! Está faltando pimenta! Está faltando pimenta! Mais pimenta! Mais pimenta!

E salpicava pimenta em todas as panelas, em quantidade! Parecia que aquela pimenteira era inesgotável como os Axiomas, e aquelas comidas já deviam estar se tornando intragáveis!

— Mais pimenta! Mais pimenta! — falava a Cozinheira, agora vindo apimentar os doces e biscoitos que estavam perto de Alice.

E uma nuvem de pimenta levantou-se! Levantou-se até o nariz de Alice que...

— ... AAAA...

... foi formando um grande...

— ... AAA...

... bem grande...

— ... AAA...

... maior ainda...

— ... AAAA...

Perdida na nuvem de pimenta, a voz da Cozinheira da Duquesa dizia:

— Aprenda a escolher! Você tem de descobrir a diferença! Aprenda a escolher, Alice!

— ...

**AAAATCHHMM!!**

## 15 *O biscoito de chocolate*



Você se lembra, não é? É impossível espirrar de olhos abertos. Então é claro que Alice teve de fechar os olhos bem fechados para espirrar e, quando abriu os olhos um segundo depois...

Estava de novo no Sótão da Vovó!

Olhou em volta. Na parede do Sótão da Vovó, o quadrinho mostrava a frase “Lar doce lar” e, no Sótão do Espelho, a frase era

ƆAƆ  
DOCE  
ƆAƆ

Pronto. Tudo estava em ordem.

Mas ainda faltava uma coisa. Talvez a coisa mais importante para Alice.

A menina pegou rapidamente o tabuleiro e a caixa com as peças de xadrez de dentro do baú, desceu correndo as escadas e chegou radiante no quintal da Vovó. E já foi gritando:

— Luuucas! Lucas, cadê você?

O menino estava sentado no galho da goiabeira, a passagem mais fácil entre o quintal de sua casa e o quintal da Vovó. E a menina foi encontrá-lo de cabeça baixa, envergonhado.

— Alice... eu... — começou o menino, quando viu a amiga. — Eu queria dizer que...

Alice subiu agilmente na goiabeira e chegou perto do Lucas em tempo de pôr o dedo na frente de seus lábios:

— Não precisa dizer nada, Lucas. Eu aprendi que a língua às vezes diz uma coisa e as orelhas ouvem outra, completamente diferente. Olhe: eu trouxe um biscoito delicioso pra gente comer...

Pegou o biscoito de chocolate com recheio de baunilha do



bolso do avental, partiu ao meio, ofereceu uma metade ao amigo e comeu a outra.

— Agora está tudo certo, não está, Lucas?

O menino sorriu, radiante:

— É claro que está, Alice!

— Sabe, Lucas? — revelou a menina. — Tudo o que se estraga pode ser consertado. É só querer, não é?

— Acho que é. Porque eu queria bastante que você me perdoasse...

— Então tudo acabou. Vamos brincar. Venha!

Os dois desceram da goiabeira e Alice convidou:

— Vamos jogar xadrez?

— Mas eu não sei jogar xadrez!

— Nem eu. A gente inventa. Olha: estas são as Verdades e estas são as Mentiras. Este é Barão Mimi e este é o Sábio Didi...

— E quem fica com a Verdade e quem fica com a Mentira?

— Eu fico com a Verdade.

— Não, quem fica sou eu.





## 15 O biscoito de chocolate



— Então vamos tirar no par ou ímpar — sugeriu ela, lembrando-se do gordão do País da Verdade.

— Ímpar!

— Par!

— Ganhei!

— Não vale, vamos fazer melhor de três.

— Par!

— Par!

— Nós dois ganhamos!

— Ei, você não tem mais um biscoitinho daqueles?

— Daquele não, mas lá na cozinha da Vovó tem uma lata cheia com todo tipo de biscoito.

— Biscoito da Vovó! Oba, são os melhores! Vamos!

E lá se foram os dois, correndo, em busca dos biscoitos da Vovó.

Alice estava feliz. Tinha feito a escolha certa e com isso havia conseguido recuperar a amizade do Lucas. É... Alice estava aprendendo a escolher. Talvez, ao longo de sua vida, nem sempre ela consiga fazer a escolha certa. Mas tinha aprendido o caminho.

Bom, agora eu já vou indo. Adeus ou... até breve! A gente se encontra em algum outro livro por aí.





# Verdades de verdade e mentiras de verdade

Nesta história, no meio de tanta mentira e de tanta verdade, há algumas verdades (ou mentiras bem contadas!) que já existiam antes de “Alice no País da Mentira” ser escrito. Veja só:

## **Alice**

Lewis Carroll, um inglês que nasceu em 1832 e morreu em 1898, gostava muito de contar histórias para a filha de um amigo, chamada Alice Liddell. Certa vez, numa viagem de barco, ele inventou uma história bem maluca em que a personagem principal tinha o nome da menina. A história era tão boa que ele escreveu-a em um livro chamado *Alice no País das Maravilhas* e logo em outro, chamado *Alice Através do Espelho*, dois livros maravilhosos! A foto da Alice Liddell, que aparece neste livro, foi tirada pelo próprio Lewis Carroll.

## **O Barão Mimi, ou Barão de Minch-ráuzen**

Esta é a maneira brasileira de pronunciar o sobrenome de um militar alemão chamado Hieronymus Karl Friedrich, o Barão von Münchhausen. Esse mentiroso, que viveu de 1720 a 1797, depois de aposentado vivia contando exageradas e fantasiosas aventuras pelas quais ele afirmava ter passado em guerras e caçadas. Um cientista alemão chamado Rudolph Erich Raspe (1737-1794) narrou essas mentirinhas em um pequeno livro chamado *As aventuras do Barão de Münchhausen*. Logo em seguida, muitos outros escritores imitaram o tal Raspe, e o mais famoso deles foi Gottfried Au-

gust Büerger (1747-1794), cujo livro é um clássico do humor. As mentiras que o personagem Barão Mimi conta são resumos das mentiras inventadas por Büerger.

### **Guerra da Criméia**

O Barão Mimi a toda hora fala na tal Guerra da Criméia, onde ele teria passado por muitas aventuras. Essa guerra, que aconteceu de verdade entre 1854 e 1856, foi um desastre em que morreu muita gente e que envolveu a Rússia, a França, a Inglaterra e mais mercenários de outros países. Naturalmente, essa guerra ainda não tinha ocorrido quando Büerger escreveu seu livro. Portanto, essa é uma mentira inventada pelo Pedro Bandeira.

### **Poema**

A personagem Ficção diz a Alice: “Estou escrevendo um poema muito triste e tenho de fingir tão completamente, que chego a fingir que é dor a dor que deveras sinto...”

A personagem cita o trecho de um poema escrito por Fernando Pessoa, o grande poeta português que nasceu em 1888 e faleceu em 1935. O trecho do poema é este:

*O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente,  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.*



### **O Sábio Didi, ou Diógenes de Sínope**

Diógenes de Sínope foi um filósofo grego que nasceu em 413 a.C. e morreu em 323 a.C. Ele queria viver sem luxo algum, somente do necessário, e morava em um tonel. Dizem que, às vezes, ele saía com uma lanterna acesa na mão, em pleno dia, dizendo que estava à procura de um homem honesto. Contam que, certa vez, o imperador Alexandre visitou-o e perguntou se ele queria alguma coisa. Em vez de pedir algo de valor, Diógenes disse que tudo o que queria do imperador é que ele se afastasse de sua frente, pois seu corpo fazia sombra e estava bloqueando a luz do Sol.

### **A Fidelidade de Penélope**

Penélope é uma personagem da *Odisséia*, uma obra literária muito antiga. Deve ter sido escrita entre os séculos X e VIII antes de Cristo e sua autoria é atribuída a um grego chamado Homero, mas, como a coisa é muito antiga mesmo, nunca vai se ficar sabendo disso direitinho. A *Odisséia* é um poema longo, muito belo, que conta as aventuras em que o herói Ulisses se envolve ao voltar para casa, na Ilha de Ítaca, depois de ter lutado na Guerra de Tróia. No livro que você acabou de ler, há um resuminho da história de Ulisses e do amor de Penélope.

### **O Filósofo Totó, ou Aristóteles**

Aristóteles é um dos mais importantes filósofos da humanidade, nascido em 384 a.C. e falecido em 322 a.C. Foi aluno do filósofo Platão, que, por sua vez, foi aluno do filósofo Sócrates. Aristóteles foi professor do futuro imperador Alexandre, aquele mesmo que tapava o Sol ao falar com o Sábio Diógenes.

**Corrupção, falsidade, delação, mentira de político, meia-verdade... A viagem ao País da Mentira virou pelo avesso a cabeça de Alice. Se antes mentira era mentira e verdade era verdade, agora a situação complicou...**



### **Alice**

*Vim parar numa terra de doidos! Bom, se eles são loucos, eu tenho de pensar com a lógica dos loucos... Então, se eu falar mentira eles vão entender como verdade... Ah, o Lucas me paga!*

### **Barão Minch-ráusen**

*Pode me chamar de Barão Mimi. Sou o mentiroso-chefe de todas as mentiras. Vivemos em caverna porque mentira tem de se esconder, senão todo mundo descobre.*



### **Diógenes de Sínope**

*Prazer, meu nome é Sábio Didi. Por que seguro sempre uma lanterna acesa? Ora, estou procurando um homem honesto, que só fale a verdade. Mas está difícil, está difícil...*



A sugestão de faixa etária serve apenas como orientação; é importante considerar o nível de maturidade e o grau de domínio da leitura.

